

INSTITUIÇÕES CENOBÍTICAS

JOÃO CASSIANO

LIVROS I ó IV

COM ALGUMAS REFERÊNCIAS MARGINAIS PARA UMA LEITURA COMPARADA COM A RB

Nota: As referências à RB são de total responsabilidade desta tradução,
não constando da edição francesa.

INTRODUÇÃO DA EDIÇÃO FRANCESA

As *Instituições cenobíticas*, cujo texto publicamos a seguir, com a tradução francesa, é a primeira produção literária de João Cassiano, mas nem por isso uma obra da sua juventude. Quando ele chega a Marselha, sem dúvida em torno do ano de 415 d.C., João Cassiano é um homem com mais de cinquenta anos, e que, devido a certas circunstâncias, se encontra envolvido com um grande número de eventos importantes da vida eclesiástica.

Depois de uma longa experiência monástica, primeiramente na Palestina e, depois, sobretudo, no Baixo Egito, ele é forçado pelas medidas tomadas pelo arcebispo de Alexandria, Teófilo, contra o grupo dos monges chamados òorigenistas^o aos quais ele se ligara, a deixar essa terra onde tinha o projeto de terminar seus dias (em torno de 400 d.C.).

Reencontramo-lo então em Constantinopla, junto de São João Crisóstomo que o ordena diácono. É difícil saber quanto tempo aí permaneceu antes de chegar a Marselha. Alguns pensam, como Dom Cappuyns, que ficou ali até sua partida para a Provença, desempenhando um papel, difícil de se precisar, nos casos eclesiásticos. Outros, como Mons., Griffé, sustentam que teria sido agregado ao clero de Antioquia pelo patriarca Alexandre, amigo de João Crisóstomo, o qual, depois de tê-lo ordenado padre, o escolhera para dirigir a embaixada destinada a solicitar a comunhão com a Sé apostólica. Para além dessas duas hipóteses que não iremos discutir aqui é certo que Cassiano, graças a uma participação mais ativa na vida da Igreja, teve a ocasião de enriquecer sua grande experiência de vida contemplativa de que se beneficiara nos mosteiros egípcios.

É, então, um homem maduro, bem informado sobre as dificuldades e necessidades da Igreja no início do século V, que chega a Marselha para organizar na Gália um tipo de vida monástica sensivelmente diferente do que aí então se praticava.

Este personagem permaneceu por bastante tempo misterioso, só ultimamente se tornou um pouco melhor conhecido. De três décadas para cá um grande número de excelentes estudos foram consagrados à sua vida e à sua obra, dentre os quais indicaremos os principais em nossa bibliografia selecionada. Uma apresentação do homem e de sua doutrina já foi proposta por Dom Pichery, na Introdução ao primeiro volume das *Conferências* desta mesma coleção¹. Nós nos contentaremos em direcionar o leitor francês, que poderá facilmente lhe ter acesso. Será suficiente propor aqui algumas indicações concernentes às *Instituições cenobíticas*.

¹ O autor se refere à coleção *Sources Chrétiennes*, das Edições du Cerf. A obra de CASSIANO, *As Conferências* estão traduzidas para o português, editadas pela Editora Subiaco, de Juiz de Fora-MG.

Nota: As referências à RB são de total responsabilidade desta tradução,
não constando da edição francesa.

1. Plano

Apesar de constituírem certamente uma só obra, os dois ôlivrosõ *De institutis coenobiorum et de octo principatium viliorum remediis*² se dividem em duas grandes partes:

1ª ó Os livros I-IV tratam sucessivamente do hábito monástico, da ordem a seguir para o ofício divino da noite e do dia, e do comportamento do ôhomem exteriorõ. Essa primeira parte é concluída por um importante ôdiscurso sobre valor do hábitoõ (IV, 32-43), a fim de condensar a espiritualidade monástica que Cassiano quer difundir na Gália.

2ª ó Os livros V-XII são uma exposição ascética sobre os oito vícios principais contra os quais o monge deve lutar para alcançar a perfeita pureza de coração. São eles: a gula, a fornicção, a avareza, a cólera, a tristeza, a acídia, a vanglória e o orgulho. Essa lista é a mesma que, poucos anos antes, Evágrio Pôntico havia elaborado.³

2. Ligação com as Conferências

Assim composta, essa obra é explicitamente apresentada por seu autor como uma preparação, ou introdução à doutrina ômais sublimeõ que será exposta nas *Conferências dos anciãos*⁴. As *Instituições* ensinam como é preciso viver nas comunidades monásticas. As *Conferências* insistirão na importância da ôdisciplina do homem interiorõ e serão mais adequadas àqueles que desejam seguir a vida anacoretica. A doutrina exposta nas *Instituições* também não é uma doutrina completa da perfeição da vida monástica. Abrange somente seus primeiros rudimentos.⁵ O próprio Cassiano tem consciência de que há vários pontos a serem mais bem desenvolvidos, mas os apresenta antecipando o que, normalmente, deveria ser comunicado nas *Conferências* para que, caso a morte o impedisse de terminar sua obra, os leitores das *Instituições* deles não ficassem privados, pois não os poderiam ler depois, nas *Conferências*.⁶

Para um bom aproveitamento da leitura das *Instituições cenobíticas*, é necessário lembrar também que Cassiano não pretende transmitir uma doutrina espiritual completamente desenvolvida. Conforme a distinção, herdada de Evágrio Pôntico, explicada depois na *Conferência XIV*, a *theoria*,

² Os manuscritos não dão estes títulos gerais, é o que propõe M. PETSCHENING. Ele é tomado emprestado do Prefácio às *Conferências* I-X, nº 1. Em outro lugar, CASSIANO os chama mais simplesmente *Institutiones* (*Conferências*, IX, I; XX, I, 1 e 2,2), ou *Instituta coenobiorum* (Prefácio às *Conferências* XI-XVII, nº 2).

³ Cf. EVÁGRIO, *Practicos*, 6-14; pg. 40, 1272 A -1276 B (cf. J. MUYLDERMANS, ôLa teneur du Practicos d'Évagreõ, em *Le Muséon*, t. 42 (1929), pg. 74-89); e *Antirréticos* (Frankenberg, pg. 472-544; Sarghissian, pg. 217-323).

⁴ Cf. *Instituições*, II, 9, 3.

⁵ Cf. Prefácio às *Conferências* I-X, nºs 4-5.

⁶ Por exemplo, *Instituições*, II, 1; 9, 1-2; 18; V, 4, 3.-

ou contemplação espiritual, aquela a qual não ascendemos a não ser pela pureza de coração, é o privilégio somente daqueles que são longamente exercitados na *vita practica*. É preciso, então, começar por um longo e intenso treinamento ascético. Como purificar-se dos vícios? Como comportar-se para vir a dispor pouco a pouco dos dons divinos mais elevados? Tal é o objetivo principal das *Instituições cenobíticas*.

3. Data

É muito difícil determinar a data exata em que essa obra foi escrita. Ela é dedicada ao bispo Castor que a havia solicitado, com insistência, a Cassiano. Mas não sabemos com precisão, nem a de sua ascensão à sé episcopal de Apt, no Departamento da Vaucluse, no sul da França, nem a data de sua morte. Uma carta do Papa Bonifácio I nos garante que em 13 de junho de 419, Castor já era bispo. Mas ignoramos desde quando. Por outro lado, quando Cassiano publica a primeira série das *Conferências*, solicitada igualmente por Castor, este já havia morrido.⁷ Dom Cappeluyens datou as *Conferências* entre os anos 425-426. É difícil precisar mais seguramente. O Pe. Olphe-Galliard constata que nelas não se fez menção da sentença aplicada por Inocêncio e Zósimo contra o pelagianismo, o que o leva a pensar que o primeiro trabalho deve ter sido finalizado antes de 427-428.⁸ Dom Cappeluyens, de sua parte, prefere datar as *Instituições* entre os anos 424-425, de tal maneira que sua composição coincida com a elaboração das *Conferências*.⁹ É certo, como observamos mais acima, que existe uma ligação estreita, e consciente, entre as *Instituições* e as *Conferências*, e que, quando Cassiano escrevia as primeiras, já tinha em mente o projeto das segundas. Mas isto não nos parece um argumento suficiente para afirmar uma sucessão tão rápida entre as duas obras. É mais prudente renunciar a uma excessiva precisão e afirmar somente que as *Instituições cenobíticas* foram escritas entre 420-424.¹⁰

4. Edições

As edições e reedições das *Instituições cenobíticas* são extremamente numerosas, desde que foram pela primeira vez editadas em Veneza (1481) e em Basileia (1485). As mais notáveis são as de Anvers (1578) e de Roma (1588), e, finalmente, a de Douai (1616, Gazet) que será retomada no tomo 49 da Patrologia latina de Migne. Mas esta última edição vale mais pela abundância de comentários de Gazet do que pela qualidade filológica do texto editado. Também, M. Petschening

⁷ Cf. Prefácio às *Conferências* I-X, nº 2.

⁸ Art. CASSIANO de D. SP. (1937), col. 217.

⁹ Art. CASSIANO, de DHGE, col. 1329.

¹⁰ M. PETSCHENING, ele também, não propõe uma data mais precisa que 419?-426.

rendeu-lhe um grande serviço quando no fim do último século publicou finalmente um texto estabelecido criticamente (volume XVII do *Corpus scriptorum ecclesiasticorum latinorum*, Viena 1888).

Com grande sensatez, Petschening faz uma escolha restrita entre os numerosos manuscritos das *Instituições*, não retendo senão sete antigos dos mais acessíveis. Fornecemos simplesmente a lista, referindo-nos à descrição da Introdução de Petschening (op. cit. P. XIV-XXX):

1. Casinensis rescriptus 295, VII séc. (sigla **C**).
2. Augustodunensis 24, VII séc. (sigla **A**).
3. Caroliruhensis LXXXVII, IX séc. (sigla **G**).
4. Sangallensis 183, IX séc. (sigla **S**).
5. Parisinus 12292, IX-X séc. (Sigla **H**).
6. Laudunensis 328 bis, IX séc. (sigla **L**).
7. Caroliruhensis CLXIV, IX séc. (sigla **T**).

O editor frisa que nenhum desses manuscritos tem uma autoridade tal que se imponha sobre os outros e que, o mais freqüente, é o acordo entre vários testemunhos que dá a verdadeira compreensão. Entretanto, seu julgamento é o de que eles não têm o mesmo valor. O mais antigo, **C**, parece também o melhor. Os dois manuscritos vizinhos **G** e **S** são excelentes. De uma qualidade inferior são os **H**, **L** e **T**. Enfim, em último lugar em o **A**.

Em sua introdução, Petschening se queixa de não ter podido ter acesso a outro manuscrito antigo, tendo de se contentar unicamente com a descrição no catálogo. Trata-se do *Sessorianus 66*, um escrito Lombardo do século IX, cujas 168 folhas contêm ainda hoje o texto integral das *Instituições cenobíticas*. Esse manuscrito está acessível na Biblioteca Vittorio Emmanuele II de Roma, figurando sob o número 2098. Nós o comparamos integralmente em vista da presente edição. É considerado no aparato crítico. O *Sessorianus 66* (a que nos referimos com a sigla **R**) é de excelente qualidade. Nós lhe atribuiremos um valor análogo ao que Petschening atribuiu ao **G** e **S**. Em casos duvidosos, ele vem confirmar a escolha operada por Petschening entre seus diversos testemunhos. Em todo caso, nos pareceu, ao contrário, que seu testemunho aconselha a modificar o texto precedentemente estabelecido. Todavia, não o fizemos senão quando a correção se impunha absolutamente, para modificar o menos possível a fisionomia de um texto a que os leitores já estão bem habituados. Cada vez que o descartamos, assinalamos no aparato crítico qual foi a escolha operada por Petschening.

Por outro lado, não retivemos, em nosso aparato crítico, uma escolha restrita de variantes indicadas por Petschening, por duas razões. Estimamos, primeiramente, que seria inútil reproduzir

um trabalho já feito, e bem feito, a que todos os leitores que o desejarem podem se reportar. E, por outro lado, nosso objetivo não é dar a fisionomia de cada um dos manuscritos, mas somente fornecer os elementos justificando, eventualmente, o estabelecimento do texto. Entretanto, para o *Sessorianus 66* não utilizado por nosso predecessor, julgamos dever assinalar as variantes de alguma importância.

Outro testemunho merece ser assinalado e utilizado, apesar de não conservar, infelizmente, mais do que algumas palavras do texto de Cassiano. É um manuscrito palimpsesto ¹¹ provindo de Bobbio, hoje na Biblioteca Nacional de Turim, sob a marca F-IV-1, nº 16. E. Chatelain, que pôde estudá-lo antes de sua restauração, o que não o pudemos fazer por nós mesmos, teve a alegria de decifrar a parte mais importante do antigo texto do séc. VI, que chega até o séc. XIV, ao índice de alguns contratos passados pela abadia de São Columbano. Esses são os fragmentos IV, 40-41, VI, 1 e VII, 30 ó VIII, 1. Para o estabelecimento do texto, ele não traz mais do que uma única variante (VII, 21: *permittedur*) que, com E. Chatelain, cremos dever manter. Mas esse antigo manuscrito apresenta outro interesse, pois conserva, ainda, um início de livro (VIII, 1) e dois inícios de capítulos (IV, 41 e VII, 31). Constatamos que ele não contém as *capitulationes*, da mesma forma que não as contém o *Casinensis 295*, que Petschenig fez remontar ao séc. VII. Parece-nos então verossímil que as *capitulationes* não faziam parte do texto original de Cassiano, mas que foram introduzidas posteriormente, pela comunidade dos leitores. Conclusão análoga àquela que chegou H.-I. Marrou para a *Cidade de Deus* de Santo Agostinho e que vem reforçar nossa posição.

PREFÁCIO

1. A História do Antigo Testamento conta que o grande sábio Salomão recebeu de Deus uma sabedoria e uma prudência muito grande, e um coração tão vasto quanto o marô que não podia ser medida, a tal ponto que pelo testemunho do Senhor ninguém era semelhante a ele e jamais existiu alguém parecido e tão pouco virá a aparecer. Entretanto quando decidiu construir para o Senhor o magnífico Templo ele solicitou a ajuda de um estrangeiro, o rei de Tiro. Hiram, o filho de uma pobre viúva, foi-lhe enviado e tudo o que a sabedoria divina lhe sugeriu de empreender com bom gosto no Templo do Senhor ou para os objetos sagrados, ele cumpriu como ajudante e executor.

2. Se esta potência superior a todos os reis da terra, este descendente tão nobre e eminente da raça de Israel, esta sagacidade divinamente inspirada que supera a ciência e os ensinamentos de todos os orientais e egípcios não desdenhou o conselho de um pobre homem estrangeiro é a justo

¹¹ Manuscrito em pergaminho no qual se faz desaparecer a escrita para reescrever sobre o mesmo. (N.T.)

título que você, bem-aventurado papa Castor ¹², instruído por estes exemplos e disposto a construir para Deus um templo verdadeiro certamente não precisaria da ajuda de pedras inertes, mas sim de reunir santos personagens, um templo não temporal e corruptível mas eterno e inexpugnável, desejará, certamente, também consagrar ao Senhor alguns objetos muito preciosos ó não de ouro ou de prata sem voz, e que o rei da Babilônia poderia tomar e fazer servir à volúpia de suas concubinas e de seus príncipes ó mas fundado em almas santas que, brilhando de integridade e de inocência, justiça e castidade trazem em si mesmas o Cristo Rei que aí permanece; é então a justo título que você dignou-se chamar-me para participar de tal obra, eu que sou tão pobre.

3. Em uma província que não possui mosteiros, ¹³ você deseja que seja organizado um a maneira de viver dos orientais, principalmente dos egípcios. É certo que você mesmo é cumpridor de todas as virtudes e ciências e totalmente cheio de todas as riquezas espirituais que, quem quer que busque a perfeição, não somente por seu ensinamento, mas também por sua vida é suficientemente capaz de encontrar um modelo. Entretanto você pede a mim que nem sei falar e sou destituído de ciência, para contribuir ó com não pouca coisa para o cumprimento deste seu desejo ó, através de um estilo desajeitado, narrando as instituições que observamos nos mosteiros do Egito e da Palestina ¹⁴, da maneira que nos foram transmitidos pelos pais. Pois você não procura pela arte do discurso ó no qual você é perfeitamente versado ó mas deseja que seja apresentada com simplicidade a vida simples dos santos, para os irmãos de seu novo mosteiro.

4. Apesar do piedoso ardor de seu desejo me incitar à obediência, numerosos escrúpulos me desviam quando quero obedecer.

Primeiramente, os méritos de minha vida não são suficientemente elevados para que eu possa apreender dignamente em meu espírito tais realidades tão difíceis, obscuras e santas.

Em seguida, eis que, fixados entre estes monges desde nossa infância, e incitados por suas exortações quotidianas e seus exemplos que tentamos aprender, cumprir, ou constatar por nossos olhos, nós não podemos apresentar o conteúdo integral, principalmente passados tantos anos desde que os visitamos e procuramos imitar suas vidas ¹⁵; portanto é absolutamente impossível, por uma meditação abstrata ou um ensinamento verbal, transmitir o sentido destas realidades ou de compreendê-las ou de guardar completamente sua lembrança. 5. Pois tudo consiste em uma única experiência e prática, e da mesma maneira que esta realidade não pode ser transmitida a não ser por aqueles que a experimentaram, assim também elas não podem ser percebidas ou compreendidas a

¹² Bispo de Apt (cf. Introdução).

¹³ Para designar a vida comum dos monges na vida cenobítica CASSIANO emprega indiferentemente *coenobium* ou *monasterium*, palavras que tomaremos uniformemente por *mosteiro*.

¹⁴ De fato, discorrerá principalmente sobre as instituições egípcias. As poucas referências aos usos palestinos são feitas para destacar o valor do monaquismo egípcio (p. ex.: V, XXIV e XXXVI, I; IV, XXI).

¹⁵ Quando este foi escrito, CASSIANO já deixara o Egito a mais de vinte anos (cf. J.-Cl. GUY, *Jean Cassien. Vie et doctrine spirituelle*, Paris 1961, pg. 25-28).

não ser por aqueles que tiverem penado para as praticar com uma igual aplicação. Estas verdades, entretanto, se não são frequentemente discutidas e trabalhadas em uma prática assídua com homens espirituais, perdem-se pela indolência do espírito.

Em terceiro lugar, nossa própria condição atual faz com que não sejamos capazes de discorrer sobre tal assunto da maneira que melhor convém.

A tudo isto se junta o fato de que alguns homens reconhecidos por suas vidas, pelos seus ensinamentos e sua ciência já elaboraram numerosas obras sobre o assunto, falo de São Basílio, Jerônimo e de alguns outros. O primeiro, interrogado sobre diversas instituições ou questões por alguns irmãos, respondeu não somente com eloquência, mas com abundantes testemunhos da divina Escritura.¹⁶ O segundo não se contentou em publicar alguns livros escritos por ele mesmo, mas também os traduziu para o latim, pois estavam originalmente em grego.¹⁷

6. Diante de tais rios de eloquência, eu poderei com propriedade ser taxado de presunçoso por meus esforços em acrescentar algumas gotas de água,¹⁸ tão somente me anima a confiança que me testemunha sua santidade, e sua promessa de que estas bagatelas, pois isto de fato o são, lhe serão agradáveis e que você não as endereçará a ninguém além da comunidade de irmãos que se encontram em seu novo mosteiro. Se deixarmos a desejar em relação ao que foi proposto, que possam relevar com caridade e suportem com grande indulgência, buscando em meu discurso mais a fé que a elegância do discurso.

7. Eis porque, bem-aventurado papa, modelo único de religião e de humildade, animado por suas orações eu empreendo segundo a capacidade de meu espírito esta obra que você me pediu, e que nunca foi tratada por nossos predecessores desta maneira, pois eles procuraram descrever o que compreenderam do que experimentaram,¹⁹ já eu apresentarei o assunto para um mosteiro ainda não formado e para alguns homens que tem verdadeiramente o desejo. Procurarei não desenvolver uma descrição dos prodígios de Deus e seus milagres. Se bem que nós ouvimos falar e até mesmo vimos com nossos próprios olhos um grande número deles praticados pelos antigos, entretanto, deixaremos de lado este assunto que, para a instrução dos seus na vida de perfeição não trazem nada de acréscimo aos leitores além do maravilhamento. Eu me oferecerei somente para, com a ajuda do Senhor, explicar o mais fidedignamente as instituições e regras dos mosteiros e, sobretudo, as

¹⁶ Estes são principalmente as *Regulae fusiis et brevius tractatae* (PG 31, 889-1035). Sobre a composição do *corpus* ascético basiliano, ver J. GRIBOMONT, *Histoire du texte des ascétiques de saint Basile* (Louvain 1953), que faz pensar que CASSIANO sem dúvida conheceu a *Regula monachorum* ou *ôPequeno asceticonö*, na tradução latina atribuída a RUFINO (PL 103, 487-554).

¹⁷ Os escritos mais importantes de JERÔNIMO concernentes ao monaquismo são algumas Cartas, biografias (Paulo, Hilário...) e, sobretudo, a tradução latina que ele realizou em 404 das Regras pacomianas, que CASSIANO utilizará abundantemente (estas serão citadas segundo a edição crítica de A. BOON, *Pachomiana latina*, Louvain 1932).

¹⁸ A imagem que evoca a calha já havia sido utilizada por JERÔNIMO no Prefácio de sua tradução de PACÔMIO (A. BOON, *Pchomiana latina*, pg. 9).

¹⁹ Afirmação surpreendente se atribuída a BASÍLIO. CASSIANO manifesta voluntariamente sua repugnância por tudo que possa se assemelhar a uma reportagem turística (p. ex.: *Conferências*, XVIII, II, 2). É preciso, talvez, fazer-se uma alusão aos *Diálogos* de SÚLPICIO SEVERO.

origens e as causas dos primeiros vícios²⁰ - que são oito e também a maneira de os sanar segundo o ensinamento que nos transmitiram.

8. Meu propósito, na verdade, não é falar sobre as maravilhas de Deus, mas sim falar um pouco sobre a correção de nossos modos e a consumação da vida perfeita segundo o que aprendemos dos antigos.²¹ Quanto a esse ponto me proponho a satisfazer sua ordem: nestas regiões, constatei não haver uma antiga constituição fixada pelos antigos, mas supressões ou junções segundo o julgamento de cada fundador de mosteiros,²² eu reunirei ou desenvolverei fielmente segundo a regra dos antigos mosteiros que vimos no Egito e Palestina. Pois não creio que, absolutamente, uma fundação recente tenha podido encontrar nas regiões ocidentais da Gália alguma coisa de mais razoável e de mais perfeito que estas instituições as quais permanecem até nós desde o princípio da predicação apostólica,²³ estes mosteiros fundados pelos santos pais e espirituais.

9. Certamente, eu me comprometo a ser comedido, com o propósito de abrandar um pouco para ajustar as instituições em vigor na Palestina e Mesopotâmia pois, a regra dos egípcios, eu reconheço ser impossível ou por demais rude e austera para estas regiões, seja devido ao rigor do clima, seja devido à diferença de costumes. Pois, se praticarmos o que é razoavelmente possível, a observância será igualmente perfeita, mesmo com monges diferentes.

LIVRO I

O HÁBITO DOS MONGES

Introdução:

- O sinal distintivo do cinto: exemplos tirados da história sagrada (I, 2-5).
- As características do hábito monástico: útil, modesto, limpo, uniforme e tradicional (II).

²⁰ Os livros que tratam dos principais vícios estão em volume separado. O que não acontece no original. (N.T.)

²¹ Este mesmo olhar de discrição em relação aos fenômenos milagrosos é afirmado nas Conferências XVIII, I, 3. Cf. CONFERÊNCIAS XV, II e VI-VII, e o comentário desta passagem por A. KEMMER, *Charisma maximum, Untersuchung zu Cassians Vollkommenheitslehre und seiner Stellung zum Messalianismus* (Louvain 1938), pg. 9-15, que conclui com a desconsideração do pensamento de CASSIANO em relação aos carismas.

²² Talvez seja necessário verificar a possibilidade de uma certa resistência contrária as novidades do monaquismo latino ao fim do século IV. Em todo o caso é significativo que CASSIANO ignore a *Vita Martini* (397) e os *Dialogi* (404) nos quais SÚLPICIO SEVERO propõe uma concepção da vida monástica diferente da que é praticada no Egito (cf. J. GRIBOMONT, *ÖLänfluence du monachisme oriental sur Sulpice-Sévère*, em *Studia Anselmiana*, 46, 1961, pg. 136-149). Nota-se que algumas alusões não dizem respeito ao gênero de vida cenobítica organizada por S. AGOSTINHO em Hipona.

²³ Sobre a origem do caráter apostólico da vida monástica, conferir entre outros autores J. LECLERCQ, *La vie parfaite* (Paris-Turnhout 1948), pg. 82-105; J.-Cl. GUY, *Jean Cassien. Vie et doctrine spirituelle*, pg. 35-36; A. de VOGÜE, *ÖMonachisme et Église dans la pensée de Cassien*, em *Théologie de la vie monastique*, Paris 1961, pg. 214-222.

O hábito dos egípcios:

- a) A cogula, sinal da inocência da infância (III);
- b) A túnica, sinal da mortificação (IV);
- c) Os suspensórios, sinal da disponibilidade para o trabalho (V);
- d) O manto simples (VI);
- e) A ômelotaö e a pele de cabra, sinal do fervor na virtude (VII);
- f) Os bastões, para repelir as tentações pelo sinal da cruz (VIII);
- g) As sandálias, quando a necessidade o exige (IX).

Conclusão:

É necessário adaptar o hábito às necessidades locais (X); significado espiritual do cinto (XI).

CAPÍTULO I Ó O CINTO DO MONGE.

1. Para dar início ao colóquio sobre as instituições e regras dos mosteiros, que melhor começo escolher ó capacitados pela graça de Deus ó senão falar sobre o hábito dos monges? Só depois de lançarmos um olhar em seus ornamentos exteriores poderemos discorrer sobre sua beleza interior.

Portanto, como um soldado de Cristo²⁴, sempre em vista de algum combate, o monge deve caminhar continuamente com os rins cingidos. 2. A autoridade divina das Escrituras atesta que aqueles que primeiramente lançaram os fundamentos deste estado de vida, Elias e Eliseu²⁵, assim o fizeram. Em seguida, os príncipes e autores do Novo Testamento, João, Pedro e Paulo e os demais seguidores fizeram o mesmo, nós o sabemos.

Elias, profeta no Antigo Testamento, parâmetro da virgindade e exemplo de castidade e continência, fora enviado por Deus para clamar contra os mensageiros do Rei Ocosias, rei sacrílego de Israel, que haviam sido enviados da parte deste para consultar o deus Belzebu em Acro a respeito de sua saúde. Ao encontrarem-se com o profeta este lhes diz que o rei não irá descer da cama na qual se encontra enfermo; eles o reconheceram quando diz que o rei se encontrava acamado e também pela qualidade de suas roupas. 3. Ao indagar sobre o aspecto e a veste daquele que o havia

²⁴ *Miles Christi*: cf. Ph. OPPENHEIM, *Symbolik und religiöse Wertung des Mönchskleides im christlichen Altertum* (Münster i. W. 1932), pg. 83, n. 7; e H. EMONDS, *öGeistlicher Kriegsdienst. Der Topos der militia spiritalis in der antiken Philosophie*, em *Heilige Überlieferung* (1938), pg. 21-50.

²⁵ Cf. *Conferências*, XVIII, VI, 2: os anacoretas que permanecem toda a vida no deserto vivem conforme a imitação de João Batista, Elias e Eliseu... Este é um tema freqüente da literatura monástica primitiva: ver, por exemplo, *Vita prima Pachomii*, 2 (HALKIN, pg. 2); *Basile, Regulae fusius tractatae*, 23; para JERÔNIMO, textos reunidos por P. ANTIN, *ösão Jerônimoö*, em *Théologie de la vie monastique*, pg. 193.

procurado, o rei recebeu a seguinte resposta: ðUm homem rude, cingido em volta dos rins com uma pele de animalö. Ao ouvir a descrição, logo lhe surgiu aos olhos a figura do homem de Deus²⁶ e exclamou: ðÉ Elias, o Tesbitaö. O cinto foi, portanto, juntamente com a aparência rude e austera, o sinal indubitável pelo qual Ocosias reconheceu o profeta. Entre milhares e milhares de israelitas, o cinto era a marca que o distinguia de maneira toda especial, como sinal da vida por ele abraçada.

4. João Batista nos aparece como um marco sagrado entre os dois Testamentos, fim de um e início de outro. Ora, eis que o Evangelista o descreve como ðusando uma veste de pele de camelo, e em volta da cintura, uma pele de animalö²⁷.

Pedro, lançado ao cárcere pelo ódio de Herodes, ouve da boca do anjo as palavras: ðColoca o teu cinto e calça tuas sandáliasö. O anjo de Deus jamais o teria advertido de assim agir se não tivesse notado que, para descansar, este havia tirado o cinto.

5. Quando Paulo se dirigia a Jerusalém onde sem delongas os judeus o haveriam de aprisionar, o profeta Agabo encontrando-se com o Apóstolo em Cesaréia, retira-lhe o cinto, liga as próprias mãos e pés, querendo significar por esse gesto a violência dos sofrimentos a que seria submetido Paulo, e exclama: ðEis o que diz o Espírito, o homem a quem pertence este cinto será amarrado pelos judeus em Jerusalém e o entregarão nas mãos dos gentiosö. O profeta não teria podido falar como fez, se Paulo não tivesse o costume de usar continuamente um cinto, em volta dos rins.

CAPÍTULO II Ó A VESTE DO MONGE.

1. Ao monge basta uma veste que lhe cubra o corpo, proteja-lhe a nudez e lhe sirva de proteção contra o frio; mas nada, porém, que alimente a vaidade ou a soberba, como ensina o apóstolo: ðTendo com o que nos alimentarmos e com que nos cobrirmos, fiquemos satisfeitosö. E se refere a ðoperimentaö e não ðvestimentaö ó como apresenta, de forma errada, certos exemplares latinos ó para significar uma veste que cobre somente o corpo sem transparecer ser um traje elegante. Algo enfim que nos distinga de modo absoluto das vestes seculares de cores vistosas e corte apurado. 2. Na verdade, tudo que é usado somente por um ou uma minoria e não é costumeiro de toda a comunidade, deve ser considerado supérfluo ou pretensioso, e deve ser julgado, por esta razão, como sendo ruim e uma manifestação mais de vaidade que de virtude. Procuremos uma veste comum semelhante às que usam todos os servidores de Deus. Devemos ter como norma os

²⁶ *Homo Dei*: o sentido técnico desta expressão perdeu seu valor para B. STEIDLER, *ðHomo Dei Antonius. Zum Bild des Mannes Gottes im alten Mönchtumö*, em *Antonius Magnus Eremita* (= *Studia Anselmiana*, 38, 1956), pg. 148-200.

²⁷ Os exemplos deste capítulo e dos textos escriturísticos que o apóiam se encontra já em BASÍLIO, *Regula monachorum*, 11 (PL 103, 504 BC). J. GRIBOMONT aqui vê um ðempréstimo ao asceticonö (*Histoire du texte des ascétiques...*, pg. 262-263).

ensinamentos dos antigos, os que lançaram as primeiras bases da vida monástica e também dos Pais dos tempos atuais que conservaram as antigas instituições como herança transmitida de geração em geração.

3. Eis porque nunca quiseram usar cilício²⁸, pois é uma veste que chama a atenção e atrai os olhares e com isso se presta demasiadamente a alimentar sentimentos de vanglória e soberba. Longe de proporcionar à alma o mínimo proveito é ainda por cima incômodo em relação ao trabalho. Ora, nenhum monge deve fugir ao dever do trabalho que ele deve realizar e para o qual o monge deve estar sempre disponível. É verdade que ouvimos falar de alguns que, assim vestidos, levam uma vida recomendável. Mas não temos argumentos suficientes para prescrever este uso como regra dos mosteiros ou para suprimir as decisões dos primeiros pais. A preferência de alguns não tem o direito de prevalecer nem de exigir nossa estima nem de constituir o que viria a ser um preconceito contra a regra geral admitida por todos.

4. As instituições as quais devemos devotar uma confiança inabalável e uma obediência livre de discussões não são aquelas que introduzem a vontade da minoria, mas aquelas cuja antiguidade e a concordância do grande número dos santos pais foram transmitidas de geração em geração. Não vale aqui o capricho e a fantasia de um pequeno número. Evitemos cuidadosamente toda singularidade e toda ostentação. E não devemos tomar impensadamente como exemplo de nosso comportamento cotidiano o rei sacrílego de Israel, Joroboão, que, cercado pelas tropas inimigas, pôs a mostra, rasgando suas roupas, o cilício que trazia por baixo do manto; nem os ninivitas que, para suavizar a condenação que Deus preparara contra eles através das palavras do profeta, se revestiram da austeridade do cilício. Pois parece que o primeiro trazia seu cilício debaixo da roupa, totalmente escondida, e caso não tivesse tirado seu manto ninguém o teria percebido. Quanto aos ninivitas, estes se revestiram com uma roupa de cilício quando perceberam a ruína iminente da cidade, e como estavam todos revestidos da mesma maneira, não poderiam se acusar mutuamente de ostentação; não sendo a mudança realizada somente por alguns, a igualdade não choca ninguém.

CAPÍTULO III Ó A COGULA DOS MONGES DO EGITO.

1. Há certas peças nas vestes dos monges do Egito que se relacionam não tanto às necessidades corporais como aos costumes em uso. Esses monges desejam praticar a inocência e a simplicidade, mesmo quando se trata da qualidade da veste. Assim usam dia e noite cogulas (*cucullus*) muito curtas, cobrindo apenas a cabeça. Descem à altura da nuca até onde começam os ombros. Imitando nisso a veste dos pequeninos e é-lhes um motivo de constante humildade; lembra-

²⁸ O òcilícioõ era tecido de pele de cabra ou de camelo. Vinha da Cilícia. Este material rude tinha várias maneiras de ser empregado. É fácil imaginar como podia servir maravilhosamente de instrumento de penitência.

lhes como devem conservar a inocência e a simplicidade das crianças²⁹. Recuperada a inocência perdida, alegres pela nova vida em que renasceram, cantam a todo instante ao Cristo. ãSenhor, não se exaltou meu coração e meus olhos não se ergueram. Não coloquei meus pés nos caminhos dos pretensiosos, nem andei a procura de coisas que estavam acima de mimö (Sl 130, 1-2).

CAPÍTULO IV ó O ãCOLÓBIUMÖ OU TÚNICA.

1. Eles usam também o ãcolobiumö, ou pequena túnica de linho. Possui mangas curtas até a altura do cotovelo, ficando o resto do braço descoberto. A ausência de mangas faz com que se recordem haver cortado de sua vida os atos e as obras do mundo. O linho é sinal que estão mortos a tudo que se relacione com a vida terrena e ensina-lhes a meditar cada dia na palavra do apóstolo: ãMortificai os membros do homem terrenoö (Col 3, 5). Assim, a própria maneira como estão vestidos testemunha: ãEstais mortos e vossa vida está escondida com Cristo em Deusö. ãNão sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mimö. ãO mundo está crucificado para mim e eu para o mundoö (Col 3,3; Gal 2,20; ibid 6,4).

CAPÍTULO V ó OS SUSPENSÓRIOS.

1. Usam ainda umas cordinhas duplas, tecidas com fios de lã, que os gregos chamam de *analaboi* e que podemos chamar ãsubcinctóriaö ou tira de tecido ãredimículaö ou talvez mais apropriadamente de ãbracchiatoriaö.³⁰ Estes suspensórios descem à altura da nuca, se cruzam sobre o pescoço, dão a volta por debaixo dos braços, cingindo o tronco de um lado e de outro. Cingem dessa maneira, fortemente a veste, prendendo com firmeza ao corpo, as dobras do pano. Com braços, assim seguros, acham-se os monges prontos, e livres para toda espécie de trabalho. Aplicam-se, pois, com a maior solicitude a cumprir o preceito do Apóstolo: ãEstas mãos souberam prover a tudo o que era necessário a mim e aos que se encontravam em minha companhiaö. ãNão comemos gratuitamente o pão de ninguém, mas, dia e noite, trabalhando na aflição e na fadiga, nos esforçamos para não sermos pesados a nenhum de vósö. E: ãQuem não quer trabalhar, também não deve comerö. (At 20, 34; 2Tes 3, 8; ib. 10).

²⁹ Comparar EVÁGRIO, *Ad Anatolium* (PG 40, 1220 C). Não passa de um empréstimo direto como pensa MARSILI (pg. 87-88), mas da dependência de uma tradição comum (WEBER, pg. 69-70). A cogula protege o olhar e é de uso freqüente no monaquismo primitivo, sobretudo pacomiano (como o chama CASSIANO, infra, IV, XVII): cf. *História Lausíaca*, 32 (Butler, pg. 91-92), *História monástica*, III, 1 (Festugière, pg. 39); *Apophitegmata Patrum*, SILVANO 4 (PG 65, 409 B). Ver Ph. Oppenheim, *Symbolik und religiöse Wertung...*, pg. 59-82.

³⁰ Esta peça da veste era desconhecida no Ocidente. De toda uma série de equivalentes: cordões, avental, suspensórios, somente este último satisfaz o autor. A descrição que nos dá, ainda que pormenorizada, deixa larga margem à nossa imaginação... Cf. BATIFFOL, *Études de liturgie et d'archéologie chrétienne*, pg. 53.

CAPÍTULO VI ó O MANTO

1. Depois, eles cobrem o pescoço e os ombros com um pequeno manto simples e de preço modesto visando, assim, à humildade.³¹ Em nossa língua como na deles nós o chamamos *mafort*. Evitam, assim, o preço elevado e o luxo dos õplanetasö (*planeticae*) ou sobretudo (byrri).³²

CAPÍTULO VII ó A ÕMELOTAÖ E A PELE DE CABRA.

1. A última peça da vestimenta deles é a pele de cabra ó que eles chamam de õmelotaö ou *péra* ó, e o bastão. Eles os portam à imitação daqueles que, no Antigo Testamento, delineiam os primeiros esboços daquele estado de vida. A respeito deles escreveu o Apóstolo: õForam vistos cobertos de õmelotaö e de pele de cabra, angustiados e aflitos, acabrunhados, o mundo não era digno deles, vagavam errantes pelos ermos e montanhas, nas cavernas e antros da terraö (Heb 11, 37-38).

Mas, tal hábito de pele de cabra também significa que, depois de ter abafado o fervilhar das paixões da carne, é preciso que permaneçam inabaláveis na mais alta virtude, e que nada deve permanecer em seus corpos da efervescência da juventude e da instabilidade passada.³³

CAPÍTULO VIII ó O BASTÃO DOS EGÍPCIOS

1. Eliseu era uma dessas pessoas que portavam um bastão, segundo as palavras ditas por ele mesmo a seu servo Giezi quando o enviou para ressuscitar o filho da mulher: õPegue o meu bastão e vá rápido, coloque-o sobre o rosto da criança, e ela viverá.ö (2 Rs 4, 29). Verdadeiramente, o profeta não lhe teria dado o bastão se ele não tivesse o costume de tê-lo constantemente a mão. O porte do bastão lhes ensina, em sentido espiritual, que eles não devem, jamais, caminhar desarmados entre a multidão dos cães que são nossos vícios e das feras invisíveis que são os maus espíritos³⁴ dos quais o bem aventurado Davi pede ser liberado ao dizer: õSenhor, não entregues às

³¹ O *pallium* é na Gália, no final do séc. IV, o manto distintivo dos monges (cf. E. GRIFFE, em *Saint Martin et son temps*, pg. 15).

³² O õplanetaö (ou *paenula*), manto de lã utilizado primitivamente para a viagem ou no campo, era em 382 a veste prescrita aos senadores. Pelo fim do séc. IV constitui o manto sacerdotal por excelência (devido a sua forma nós o chamamos também de casula). O *byrrus*, originalmente grosso manto de lã passa a ser feito, na Gália, em torno do séc. IV, de lã mais fina e se tornará uma veste de luxo. O *mafort* é uma pequena pelerine para cobrir os ombros e o pescoço. Era, primitivamente, uma veste feminina (JERÔNIMO o cita como uma peça distintiva da vestimenta das virgens: *Epist.* XXII, 13 ó PL 22, 402).

³³ Este sentido simbólico já era atribuído à õmelotaö por EVÁGRIO, *Ad Anatolium*, pg. 40, 122 B (cf. MARSILI pg. 88, Weber, pg. 71-72).

³⁴ Para EVÁGRIO, o bastão significa, no sentido espiritual, a árvore da vida e, finalmente, o próprio Cristo (*ibid.*, 1221 B).

feras a alma que se confia a ti. Mas quando elas insurgem é preciso repeli-las pelo sinal da cruz e, quando elas se afastarem, sufocá-las com a lembrança persistente da paixão do Senhor e pela imitação de sua mortificação.

CAPÍTULO IX Ó AS SANDÁLIAS

1. Eles renunciam ao uso dos sapatos como sendo contrários ao preceito evangélico (cf. Mc 6, 9) e, quando as doenças, o frio matinal do inverno ou o calor do verão ao meio-dia o exige, eles protegem os pés somente com sandálias. Este uso permitido pelo Senhor é interpretado como a impossibilidade de, vivendo neste mundo, estarmos completamente desembaraçados das solicitações que a carne reclama. Mas, apesar de não nos livrarmos delas totalmente, satisfazemos as necessidades do corpo sem muita preocupação nem embaraço; e não devemos tolerar que os pés de nossa alma se deem às preocupações mortais do mundo, preocupações em satisfazer não somente às exigências da natureza, mas à volúpia inútil e maligna. Esses pés da alma, de fato, devem estar disponíveis para o caminhar espiritual, sempre prontos a pregar a paz do Evangelho e a correr ôtrás do odor dos ungüentosö de Cristo. A seu respeito Davi diz ôter corrido cheio de desejoö (Sl 61, 3), e Jeremias: ôA mim, não me causou nenhuma pena te seguirö (Jr 17, 16). 2. Assim, estaremos agindo bem se, segundo o Apóstolo, não satisfizermos ãos desejos e as preocupações da carneö (Rm 13, 14).

Entretanto, mesmo que usem licitamente essas sandálias, pois que são permitidas pela palavra do Senhor, não toleram tê-las nos pés quando se dispõem a celebrar ou tomam os santos mistérios, creem ser necessário observar ao pé da letra o que foi dito a Moisés e a Josué, filho de Nun: ôDesatai a correia de tuas sandálias, pois o lugar onde te encontras é uma terra santaö³⁵ (Ex 3, 5; Jos 5, 16).

CAPÍTULO X Ó A DISCRIÇÃO QUE DEVEM OBSERVAR NA APLICAÇÃO DOS USOS E COSTUMES, CONFORME O CLIMA DO LOCAL ONDE SE VIVE

1. Até aqui³⁶ nada se omitiu do que concerne ao hábito dos egípcios. [Mas, não temos que observar tais usos levando em conta a condição geográfica e os costumes da província, pois, o rigor do inverno não permite que usemos somente sandálias, um manto, uma túnica; e cobrir-se com uma

³⁵ A regra pacomiana prescreve de fato: *Nullus vadat ad collectam vê lad vescendum habens galliculas in pedibus* (*Praecepta*, 102; Boon, pg. 41).

³⁶ O fim deste livro (cap. X e XI) não figura nas edições anteriores a do *Corpus* de Viena. PETSCHINIG não o explica nem no aparato crítico, nem na Introdução. O cap. X faz uma conclusão natural ao livro; mas o cap. XI ficaria mais bem colocado depois do cap. I.

pequena cogula ou portar uma ômelotaö provocariam mais riso que edificariam] **RB LV 1-4.** Estimamos que seja preciso adotar essas peças na parte de cima, exterior, por serem compatíveis com a humildade de nosso estado de vida e com o clima, de sorte que não se introduza no vestir novidades que venham a chocar as pessoas do século e que sejam expressão de uma pobreza decente.

CAPÍTULO XI ó O CINTO ESPIRITUAL E SEU SINAL

1. Que o soldado de Cristo revestido de tal maneira, saiba primeiramente que está cingido por um cinto, a fim de estar não somente pronto interiormente para todos os serviços e trabalhos monásticos, mas também, em trajes que lhe permitam estar a toda hora disponível. Pois, assim, ele dará provas de seu fervor para com o progresso espiritual e a ciência das coisas divinas - que levam à pureza do coração - em proporção à sua solicitude para com a obediência e o trabalho.

2. Em segundo lugar, que ele saiba, também, que esse cinto constitui um sinal não negligenciável do que lhe é pedido. De fato, cingir os rins e cobrir-se de pele morta significa que ele testemunha a mortificação dos membros nos quais estão contidos os germes da paixão e da luxúria, vivendo, dessa forma, o mandamento evangélico que diz: òQue vossos rins estejam cingidosö (Lc 12, 35) e que é repetido pela interpretação do Apóstolo: òMortificai em vossos membros, que são terrenos, a fornicção, a impureza, a paixão, a concupiscênciaö (Col 3, 5).

3. Nós também lemos nas Escrituras, que portam um cinto somente aqueles nos quais o fogo dos desejos carnis já findou e que, proclamam por suas obras e virtudes a palavra do bem aventurado Davi: òEu tornei-me como um odre no geloö (Sl 118, 83): com a carne do vício, destruída até a raiz, eles se livram - pelo vigor do espírito - da pele morta do homem exterior. Davi acrescenta òno geloö, pois não se contentam somente com a mortificação do coração, mas congelam, também, os movimentos do homem exterior e o fogo que é próprio da natureza, e lhes aplicam o gelo da continência; não estão mais doravante sujeitos, segundo a palavra do Apóstolo, que reine o pecado sobre seus corpos mortais, não havendo mais oposição entre carne e espírito.

LIVRO II

A REGRA DAS ORAÇÕES NOTURNAS E O MODO DOS SALMOS

Introdução: oposição entre a variedade dos usos fora do Oriente e a regra aplicada no Egito (II), e sua causa: no Egito, antes de comandar aprende-se a renúncia e a obediência (III).

B. O cânon dos egípcios.

- a) Seu conteúdo: doze salmos e duas leituras (IV);
- b) Sua origem ãangélicaö (V-VI);
- c) As orações intercaladas (VII); doxologia após as antífonas (VIII).

C. A qualidade da oração.

- a) Oração silenciosa, breve e freqüente (X);
- b) Salmos limitados a dez versículos e repartidos entre vários cantores (XI);
- c) Posição de repouso durante o ofício (XII, 1-2).

D. Depois da celebração comunitária, vigília particular nas celas, até a aurora (XII, 3 e XIII), acompanhada de trabalho manual (XIV).

E. Prescrições diversas:

- silêncio e recolhimento durante o dia (XV);
- proibição de rezar com aquele que se encontra afastado da oração (XVI);
- o responsável por despertar os irmãos para a oração noturna (XVII);
- abrandamento da observância do sábado até o domingo e durante o Tempo Pascal (XVIII).

CAPÍTULO I ó A REGRA DAS ORAÇÕES NOTURNAS E O MODO DOS SALMOS

1. Cingido do duplo cordão de que falamos,³⁷ é preciso que o soldado de Cristo aprenda agora qual é a norma, antigamente fixada no Oriente pelos santos Pais, para as preces canônicas e os salmos. A sua natureza e a forma pela qual podemos, segundo a palavra do Apóstolo, orar ãsem cessarö, serão explicadas no seu devido lugar e, para tanto nos permita o Senhor, quando começarmos a relatar as *Conferências* dos antigos.³⁸

CAPÍTULO II ó A DIVERSIDADE DO NÚMERO DE SALMOS QUE SÃO CANTADOS NOS DIVERSOS LUGARES

³⁷ Refere-se ao cinto descrito como a primeira peça do habito do monge (I, I, 2-5), e o cinto espiritual que é o símbolo (I, 11).

³⁸ Conferir *Conferências, Prefácio*, 5. A oração incessante será um dos temas importantes das *Conferências IX e X*; ver, também, *Conferências XXIII*, v, 9.

1. Constatamos que, em outras regiões, muitos monges tinham - como diz o Apóstolo - ão zelo de Deus, mas não segundo a ciência, havendo fixado normas e regras diversas, segundo a capacidade de seu espírito. Inicialmente pensávamos que diziam, a cada noite vinte ou trinta salmos, prolongando-os, ainda, com cantos antigos e pela adição de certas modulações. Alguns procuram ultrapassar essa média, outros não dizem mais do que dezoito. Sabemos que, dessa forma, em cada lugar se fixou um cânon diferente e se adotam quase tantos tipos de regra quantos são os diferentes mosteiros ou *cellae* ³⁹ que visitamos. 2. Até mesmo pensamos que, nos ofícios diurnos de orações ó chamados terça, sexta e noa ó, seria necessário harmonizar o nome dos salmos e das orações àquelas das horas nas quais suas homenagens são rendidas a Deus. ⁴⁰ Às outras se aplica o número de seis a cada reunião do dia.

Eis porque creio seja necessário expor o que foi desde o princípio estabelecido pelos Pais, e que ainda agora é guardado pelos servidores de Deus em todo o Egito; com a finalidade de que este novo mosteiro, ainda um ãnoviçoõ em Cristo, seja de preferência educado em sua infância pelas instituições mais antigas dos primeiros Pais.

CAPÍTULO III Ó A REGRA COMUM PARA TODO O EGITO E COMO SE FAZ A ESCOLHA DOS QUE DEVEM PRESIDIR E GOVERNAR OS IRMÃOS

1. Em todo o Egito e Tebaida, onde os mosteiros não são regulamentados segundo o arbítrio de cada renunciante, mas segundo a sucessão e tradição dos antigos, observamos que guardam uma medida determinada de orações nas reuniões da tarde ou das vigílias noturnas. [Ninguém, de fato, está autorizado a dirigir um pequeno grupo de irmãos nem mesmo dirigir-se a si mesmo, antes de desembaraçar-se de todos os seus bens e de ter aprendido a não ter poder sobre si mesmo. 2. Pois, seja qual for sua fortuna, é necessário que aquele que renuncia ao desejo mundano, se ardentemente deseja permanecer no mosteiro, não se prenda a nada que abandonou ou mesmo ao que trouxe consigo] RB LVIII 24-25. Sua obediência para com todos deve ser tal que creia ser necessário, conforme a palavra do Senhor, retornar à primeira infância (Mt 18, 3), não procurando fazer prevalecer em nada a consideração de sua idade ou o número de anos que, passados no século, ele estime ter perdido; mas, tenha em conta a importância da novidade do noviciado no exército de Cristo que reconhece fazer e não hesite em submeter-se, até mesmo, aos mais jovens. 3. [Da mesma forma, o obriguemos a submeter-se e habituar-se a um trabalho fatigante, a fim de que, procurando

³⁹ *Cella* e *cellula* tem, praticamente, o mesmo sentido na linguagem de CASSIANO. Elas designam a morada do monge, seja individual (*cella*: V, 26; XII, 30; *cellula*: III, 2; V, 40, 2), seja para dois monges (IV, 16, 2; II, 12, 3).

⁴⁰ A dizer: três salmos e três preces de terça, seis de sexta e nove de nona.

por suas próprias mãos] **RB XLVIII 7-8**, como o ordena o Apóstolo, o alimento quotidiano, seja para si próprio, seja

para a necessidade dos hóspedes ⁴¹, ele possa, esquecendo-se do luxo e da delicadeza de sua vida passada, quebrantado pelo trabalho, adquirir a humildade do coração. Não se escolha alguém para presidir uma comunidade de irmãos se não tiver, primeiramente ó antes de se colocar à frente dos outros ó aprendido a obedecer, pois isso lhe é necessário para bem comandar seus subordinados, e não tiver também adquirido o que deverá transmitir aos mais jovens, pela formação recebida dos anciãos. **4.** Bem conduzir os outros e conduzir-se a si mesmo é, declaram os anciãos, próprio do homem sábio; e afirmam que é um dos dons mais elevados e uma graça do Espírito Santo. Ninguém pode, pois, estabelecer preceitos salutareis para seus subordinados, senão aquele que, primeiramente, tenha sido instruído em todas as disciplinas da virtude; e, também, ninguém pode obedecer a um ancião senão aquele que, repleto do temor de Deus, se rendeu perfeitamente à virtude da humildade.

5. Tal é a razão da diversidade dos tipos das regras que encontramos nas outras províncias: na maior parte do tempo, sem ter a experiência dos ensinamentos dos anciãos, ousamos tomar o primeiro lugar nos mosteiros e, nos fizemos passar por abades antes de sermos discípulos. Estabelecemos o que nos apraz, mais inclinados a exigir a observância de nossas invenções que a guardar a doutrina aprovada dos anciãos.

Mas, visto que nos propusemos a explicar qual a medida que se deve observar nas orações, acabamos por nos deixar seduzir pelas instituições dos Pais, avançando ó por nosso zelo excessivo ó em assuntos que reservamos para outro lugar. Retornemos, pois, ao assunto.

CAPÍTULO IV Ó PORQUE NO EGITO E NA TEBAIDA OBSERVA-SE O NÚMERO DE DOZE SALMOS.

1. [Em todo o Egito e Tebaida, como já dissemos, guarda-se na celebração tanto da tarde como da noite, o número de doze salmos, ⁴² de tal forma que sejam seguidos por duas leituras, uma do Antigo e outra do Novo Testamento] **RB IX 4.8.9; X 1; XI 2.4.** Este número, antigamente estabelecido, perdura há séculos até nossos dias em todos os mosteiros desta província, pois como afirmamos anteriormente, os antigos não os determinaram por uma invenção humana, mas lhes foi transmitido do céu pelo ensinamento de um anjo.

⁴¹ Esta dupla finalidade do trabalho manual (assegurar sua subsistência e ter o que dar aos outros) é por várias vezes sublinhadas nas *Instituições* (p.ex.: IV, 14; V, 38 e sobretudo X, 22-24). No mesmo sentido, BASÍLIO, *Regula monachorum*, 127 (PL 103, 534 A), *Regulae fusius tractatae*, 41, 2 e 42 (pg. 31, 1024-1025).

⁴² Na verdade, CASSIANO se refere aqui a organização somente das comunidades pacomianas; cf. *História Lausiaca*, 32 (BUTLER, pg. 92) e, sem dúvida, a tradição preferível da *Vita tertia S. Pachomii*, 32 (Halkin, pg. 276-277).

CAPÍTULO V Ó OS DOZE SALMOS RECEBIDOS PELO ANJO.

1. Nos primórdios da fé, alguns homens, pouco numerosos, mas fortemente provados, reconhecidos pelo nome de monges, receberam a regra de vida do evangelista Marcos, de feliz memória, que foi o primeiro bispo da cidade de Alexandria.⁴³ Não contentes em observar estas práticas magníficas que, como lemos nos Atos dos Apóstolos, eram vividas pelo grupo de crentes na Igreja Primitiva: ãA multidão dos crentes eram um só coração e uma só alma; ninguém tinha posse, mas tudo era posto em comum entre eles. Todos os que tinha terras ou casas, vendiam-nas e colocavam e colocavam o preço aos pés dos Apóstolos. Era, em seguida, distribuído a cada um conforme a necessidade (At 4, 32-34), lhes ajuntaram outras práticas ainda mais sublimes.

2. Retirando-se para os lugares menos freqüentados nos subúrbios, levavam uma vida de abstinência muito severa que, mesmo para os que eram estranhos a religião, causava pasmo a austeridade de tal gênero de vida. Se aplicavam com tamanho fervor à leitura das divinas Escrituras, à oração e ao trabalho manual, durante o dia e durante a noite, que haveriam até mesmo perdido o gosto e mesmo a lembrança de alimentar-se se, ao fim de dois ou três dias, a inanição dos corpos não os impedisse de tanto. E comiam e bebiam não tanto por prazer quanto por necessidade somente e, ainda, nunca antes do pôr do sol, para associar às horas de luz o exercício da meditação espiritual, e às da noite os cuidados do corpo. E acrescentavam outras proezas mais sublimes ainda.

3. Eis o que conhecemos a respeito destes monges pelas narrativas dos escritores locais, a História Eclesiástica pode-o confirmar.⁴⁴

Nesta época, quando a perfeição da Igreja primitiva mantinha-se intacta entre seus sucessores, de lembrança ainda recente, e onde a fé deste pequeno grupo ainda não havia arrefecido na multidão, os veneráveis Pais, velando com uma solicitude atenta sobre seus sucessores, se reuniram para deliberar sobre a medida a fixar para o culto cotidiano. Procuravam transmitir, assim, a seus sucessores, esta herança de piedade e de paz, a salvo de todas as querelas internas; acreditavam na verdade que, nas celebrações quotidianas, a dissonância ou a variedade entre homens professando o mesmo culto poderia introduzir o germe do erro, da rivalidade e cisma. 4. Mas, então, cada um segundo seu fervor pessoal e sem pensar na fraqueza dos outros, estimava que fosse preciso fixar o que julgava muito fácil ao seu olhar da fé e de sua força aos demais, sem levar em conta o que seria possível como regra geral para os irmãos mais fracos que, fatalmente, são a

⁴³ Este capítulo contém o que A. de VOGÜÉ chamou a ãversão alexandrinaã do mito da origem apostólica do monaquismo (ãMonaquismo e Igreja no pensamento de CASSIANO, em *Théologie de la vie monastique*, Paris 1961, pg. 214-219). CASSIANO se inspira em FILÓN, conhecido através de EUSÉBIO DE CESARÉIA, *Hist. Eccl.* II, XVIII. A ãversão hiérosolimitanaã será exposta nas *Conferências*, XVIII, V-VIII (cf. A. de VOGÜÉ, pg. 219-222).

⁴⁴ CASSIANO segue fielmente aqui a *História Eclesiástica* de EUSÉBIO (II, XVII) a qual ele se refere explicitamente; é interessante notar as modificações que ele fez submeter o exemplo utilizado, cujas mais importantes são a omissão de tudo que diz respeito à leitura alegórica da Escritura (H. E. II, XVII, 10-11 e 20), e a adição do trabalho manual.

maioria. Chegavam a rivalizar entre si para determinar um maior número de salmos segundo a disposição de cada um: alguns, não contentes da quantidade estabelecida, consideravam ser preciso ultrapassá-la. A santa diversidade que os opunham para fixar a regra de piedade era tal que gerava discussões na hora da celebração das Vésperas; sendo que eles queriam cumprir os ritos cotidianos de orações, alguém se levanta no meio para cantar os salmos ao Senhor. **5.** Todos estavam sentados ó como é ainda hoje o costume no Egito ó, e a atenção de seus corações se fixou nas palavras do cantor. Este cantou onze salmos separados por orações, os versos se seguiram sem interrupção de uma maneira uniforme; então, ele acrescentou o duodécimo salmo para a resposta do aleluia e se subtraiu repentinamente do olhar de todos, colocando um ponto final à questão das cerimônias.

CAPÍTULO VI Ó O COSTUME DAS DOZE ORAÇÕES

1. A partir desse momento, eles compreenderam que, pelo ensinamento de um anjo ⁴⁵ o Senhor quis fixar uma regra geral para as reuniões dos irmãos; a venerável assembléia dos Pais decidiu que este número de doze salmos seria guardado também nas reuniões da tarde como nas da noite. Eles ajuntaram duas leituras, uma do Antigo e uma do Novo Testamento, como testemunho pessoal, a título de suplemento para aqueles que queriam se aplicar um pouco mais e, através de uma contemplação assídua, guardar a lembrança das divinas Escrituras. ⁴⁶ Mas, aos sábados e domingos, as duas leituras são tiradas do Novo Testamento; a primeira dos Apóstolos ⁴⁷ ou dos Atos dos Apóstolos, e a segunda dos Evangelhos. Durante todo o tempo da Quinquagésima, esta também é a prática dos que tem no coração a leitura e a lembrança das Escrituras. ⁴⁸

CAPÍTULO VII Ó OS PRINCÍPIOS DA ORAÇÃO.

1. As preces acima descritas, eles as começam e concluem da seguinte maneira: terminado um salmo eles não se ajoelham com precipitação, como acontece em certas regiões daqui, onde se prostra para a oração mesmo antes de o salmo terminar, para assim chegar o mais rápido possível ao momento das despedidas. Por termos ultrapassado a medida estabelecida por nossos anciãos ⁴⁹,

⁴⁵ Cf. *supra*, cap. IV. Segundo PALLADIO, *Hist. Laus.* 32, e a *Vita tertia Pachomii*, 29-32 (HALKIN, pg. 275-277), a regra angélicaõ fora diretamente editada por um anjo. Constatamos aqui a reserva de CASSIANO a respeito do maravilhoso e do miraculoso (cf. *supra*, Prefácio, 8).

⁴⁶ A menção das duas leituras ao fim do ofício não se encontra de fato nas fontes pacomianas.

⁴⁷ Esse termo significava, pelo menos na idade média, todo o corpo das epístolas canônicas, não apenas de São PAULO, mas também as chamadas católicas. (N. Ed. CIMBRA, 1984, pg. 12).

⁴⁸ Cf. *infra*, cap. XVIII.

⁴⁹ Como ficou dito, a regra dos doze salmos. O excesso praticado no Egito está indicado mais acima, cap. II.

calculamos o número de salmos que restam e ficamos apressados em chegar ao fim, muito mais preocupados em descansar do que em aproveitar o benefício da oração.

2. Entre eles não acontece assim. Antes de se ajoelharem eles rezam um pouco, passando a maior parte do tempo de pé, em súplicas. Em seguida, depois de terem prostrando-se brevemente por terra, como para adorar tão somente a divina bondade, levantam-se logo. E, de pé novamente, com as mãos estendidas da mesma forma que na vez anterior, prolongam sua oração. Pois, dizem que por demorar-se muito tempo prostrado torna-se perigosamente suscetível ao ataque não somente dos pensamentos como também do sono. 3. De nossa parte, a experiência nos mostrou que desejamos muito mais permanecer por longo tempo prostrados por terra não com a intenção de rezar senão de repousar!

E, quando o irmão que deve concluir a prece se levanta do chão, todos se levantam ao mesmo tempo. Se bem que ninguém ousaria ajoelhar-se antes que este tenha feito a inclinação, nem se demorar ajoelhado quando ele se levanta, temendo dar a impressão de, não o tendo querido seguir, concluir a prece por si mesmo.

CAPÍTULO VIII Ó A ORAÇÃO QUE SEGUE O SALMO.

1. Eis o que vimos nesta província: somente um canta, todos se levantam ao final do salmo e cantam juntos em alta voz: òGlória a Pai, ao Filho e ao Espírito Santoö, coisa igual jamais ouvimos em todo o Oriente. É em silêncio completo que, o cantor tendo terminado o salmo, segue a oração; e são somente as antífonas que se costumam concluir com esta glorificação da Trindade.

CAPÍTULO IX Ó A NATUREZA DA ORAÇÃO, E AS INSTRUÇÕES DOS ANCIÃOS NAS CONFERÊNCIAS.

1. A sequência das *Instituições* nos conduz logicamente à maneira de se fazer as orações canônicas. Nós deixaremos para desenvolver mais abundantemente sobre este assunto nas *Conferências dos anciãos*, e daremos uma exposição mais detalhada quando começarmos a explicar com as suas próprias palavras a qualidade e intensidade destas orações⁵⁰. Pretendo, entretanto, visto que considero importante, aproveitar esta ocasião para tocar rapidamente no assunto. Assim, ordenando no momento presente os movimentos do homem exterior, seja possível, desde já, lançar certos fundamentos da oração. Nós poderemos, depois, com menos dificuldade, quando viermos a tratar do homem interior, erguer o edifício da oração. 2. Antes de qualquer coisa nós temos em vista

⁵⁰ Cf. *Conferências*, IX, I.

o seguinte: caso o fim prematuro de nossa vida venha nos impedir de fazer, em tempo oportuno, o que desejamos com a permissão de Deus, ao menos a presente obra vos deixará os princípios do que é necessário a vós que, no ardor de vosso desejo, considerais como ainda muito pouco para realizar-se. Assim, enquanto uma trégua nos é concedida a fim de permanecer nesta terra, traçamos neste primeiro esboço o que vem a ser a oração, para que possamos instruir, principalmente, os que vivem em comunidade. **3.** Mas também temos em vista aqueles que, debruçando-se sobre este livro, não terão, talvez, conhecimento do outro⁵¹, de sorte que este lhes instrua, mesmo que parcialmente, sobre a qualidade da oração e que, instruídos quanto à veste e a atuação do homem exterior, não ignorem muito sobre como é preciso se comportar para oferecer os sacrifícios espirituais. Entretanto, estes capítulos que estamos compondo com a ajuda de Deus, dizem respeito mais à guarda do homem exterior e a instituição das comunidades; ao passo que os outros se referirão mais à disciplina do homem interior, a perfeição do coração, a vida e aos ensinamentos dos anacoretas.

CAPÍTULO X Ó COM QUANTO SILÊNCIO E BREVIDADE OS EGÍPCIOS SE REÚNEM PARA AS ORAÇÕES.

1. Quando, pois, se reúnem para as celebrações sobre as quais falaremos ó e que eles chamam de *synaxes*⁵² ó cada um guarda tal silêncio que, mesmo sendo grande o número de irmãos reunidos em assembléia, creríamos não haver absolutamente ninguém além daquele que se levanta para cantar o salmo em meio aos demais. E, mais ainda para a oração final: durante este tempo, ninguém cospe, nem pigarreia, não tosse, nem boceja e tão pouco se mostra sonolento. Nada de gemidos nem mesmo qualquer suspiro que possa incomodar os presentes. Não se ouve outra voz a não ser do sacerdote que conclui a oração; salvo, talvez, alguns gemidos que o espírito em seu arrebatamento deixa escapar pelos lábios de um ou de outro, ou alguns que se insinuam insensivelmente no coração sob o efeito de um fervor espiritual desmedido e intolerável, enquanto o espírito inflamado procura, por uma sorte de gemidos incompreensíveis, liberar-se daqueles que não pode conter.

2. Quanto aos que, em um estado de tibieza, põem-se a clamar e suplicar ou fazem sair de sua garganta estes barulhos dos quais falamos acima e, sobretudo, se deixam-se surpreender por bocejos, eles os declaram duplamente culpáveis: primeiramente por oferecer com negligência sua própria oração; em segundo lugar, por impedir, por seu barulho, que seu vizinho possa aplicar-se em orar mais intensamente.

⁵¹ Mesmo receio de que o leitor não tenha a possibilidade de se referir ao conjunto da obra nas *Conferências XX*, I, 1.

⁵² Termo grego que significa assembléia ou reunião (N.ED. CIMBRA, 1984, pg. 14).

Eis porque eles prescrevem a conclusão rápida da oração, crêem que, se nos demoramos muito, a acumulação de saliva ou de fleuma lhes interromperá a intensidade. **3.** Assim, enquanto ela ainda está ardente, é preciso, se assim podemos dizer, arrancar rapidamente nossa oração da garganta do inimigo. Sendo ele sempre hostil se lança contra nós, sem dúvida alguma, ainda com mais violência quando vê que vamos oferecer ao Senhor as orações contra ele: procura, então, suscitar em nós diversos pensamentos ou humores, para desviar nosso espírito de sua súplica intensa, amornando assim o fervor inicial. [Eis porque os pais estimam, preferivelmente, fazer orações breves e mais frequentes: frequentes a fim de que possamos, orando desta maneira, aderir mais constantemente a Deus; breves para evitar os meios pelos quais o diabo nos ataca e se esforça por nos acabrunhar, sobretudo no tempo da oração] **RB XX 4.**

CAPÍTULO XI Ó O ENSINAMENTO DOS EGÍPCIOS SOBRE A RECITAÇÃO DOS SALMOS.

1. Mesmo quando cantam os salmos nas reuniões, não procuram fazê-lo de uma só vez; mas, conforme o número de versículos, não os seguem do início ao fim e sim os dividem em seções de dois ou três, intercalando-as com as orações. De fato, não se satisfazem com o número de versos, mas com a inteligência espiritual, aplicando-se com todas as forças a esta opinião: *“Cantarei com o espírito, cantarei também com a inteligência”* (I Cor 14, 15). **2.** [Também consideram ser mais proveitoso cantar dez versículos com atenção que todo um salmo com o espírito confuso como consequência, certas vezes, da precipitação do cantor que, pensando no tamanho e no número de salmos restantes, não se aplica a enfatizar para os ouvintes o sentido dos mesmos, mas se apressa por findar a *synaxe*] **RB XIX 6-7.**

Enfim, se um dos jovens, seja por fervor do espírito, seja porque ainda não está maduro, ultrapassa a medida, o ancião, do lugar que está, interrompe com um movimento de mão, fazendo assim com que todo mundo se levante para a oração. Ele vela atentamente para que o número de salmos não seja excessivo provocando tédio na assembléia, pois, desta forma, não somente o cantor perde, ele mesmo, a inteligência frutuosa do salmo, mas causa um prejuízo aos outros que, por seu excesso, desinteressam-se da *synaxe*.

3. Eis o que também observam com grande cuidado: para o responso do *Aleluia*, utilizam-se somente dos salmos que tem essa palavra no título.⁵³

Quanto ao número de doze salmos mencionado mais acima, eles os dividem da seguinte maneira: se há dois irmãos, cada um canta seis salmos; se há três, cada um canta quatro; se há quatro, cada um canta três. Nas reuniões, não se canta jamais um número inferior de salmos de sorte

⁵³ A regra do anjoô prescreve que em cada *synaxe* o décimo segundo e último salmo seja finalizado *sub alleluiae responsione* (*supra*, II, 5).

que, se é grande o número dos que se reúnem, não há mais que quatro irmãos para cantar na *synaxe*.⁵⁴

CAPÍTULO XII Ó O PORQUÊ DE PERMANECEREM SENTADOS ENQUANTO O SALMISTA CANTA E COM QUE SOLICITUDE ELES PROLONGAM AS VIGÍLIAS QUANDO VOLTAM ÀS CELAS.

1. Eles tornam leve este número canônico de doze salmos por adotarem uma posição de repouso para o corpo. [É costume na realização destas celebrações comunitárias que, a exceção dos que se levantam para dizer os salmos no meio da assembléia, todos estejam acomodados em acentos baixos, com os corações atentos à voz do cantor] **RB IX 5**. Encontram-se de tal forma esgotados pelos jejuns e pelo trabalho de todo o dia e da noite que, se não contassem com um alívio como este, não seriam capazes de suportar do início ao fim.

2. De fato, não deixam passar o tempo sem se aplicar ao trabalho e, não somente praticam com grande diligência os trabalhos manuais que a luz do dia permite serem realizados, mas procuram também com solicitude aqueles que podem ser realizados na escuridão completa da noite. Creem que, pela pureza do espírito, poderão almejar uma contemplação espiritual tanto mais elevada quanto mais se aplicarem ao trabalho com devoção. Eles estimam, também, que este pequeno número de orações obrigatórias está divinamente medido para reservar àqueles cuja fé é mais ardente possibilidade de tempo para dar largas as infatigáveis práticas da virtude, sem desanimar os que se encontram fatigados e doentes.⁵⁵

3. Quando o ofício regular termina, cada um retorna a sua cela para que lá possa se ocupar com algo, só ou acompanhado de outro irmão com o qual possui trabalho comum ou mesmo algum tipo de formação, ou que seja igual em virtude. Celebram novamente o mesmo ofício de orações, como sacrifício particular, desde que nenhum deles se entregue ao repouso até a madrugada, quando a atividade do dia sucede ao trabalho e a meditação da noite.

CAPÍTULO XIII Ó PORQUE NÃO É PRECISO DORMIR APÓS A MISSA NOTURNA.

⁵⁴ Sobre a estrutura do ofício egípcio descrita nestes capítulos, cf. O. HEIMING, *öZu monastichen Offizium von Kassianus bis Kolumbanus* em *Archiv für Liturgiewissenschaft*, Bd. VII, p. 89-156 (sobretudo, pg. 102-106).

⁵⁵ Cf. a resposta que ão anjoõ deu a Pacômio pasmo pelo pequeno número de orações prescritas em H.L., 32; BUTLER, pg. 93 ó cf. *Vita tertia*, 32; HALKIN, pg. 277).

1. Desta maneira, pelo trabalho creem oferecer um sacrifício a Deus pelo labor de suas mãos. Assim o fazem, com extrema vigilância, por dois motivos, pelos quais nós também observaremos com o mesmo cuidado se buscamos a perfeição.

Primeiramente, é preciso crer que o inimigo, ciumento e invejoso de nossa pureza, arma-nos ciladas e procura corromper por algum tipo de ilusão do sono a purificação que adquirimos pela salmodia e pelas orações noturnas. **2.** Diante desta satisfação ofertada a Deus por nossas negligências e nossa ignorância, e o perdão implorado com abundantes gemidos por nossas faltas, o inimigo procura nos manchar. Caso encontre-nos num tempo de repouso esforça-se por abater ou afligir nossa confiança quando nota que, pela pureza de nossas orações, tendemos a Deus. De sorte que, se esforça por manchar, durante este curto lapso de tempo, aqueles que não conseguiu perturbar durante a noite.

3. O segundo motivo é o seguinte: se nosso sono não gerar nenhum tipo de ilusão diabólica, embora puro, entorpece o monge que deve em breve despertar e introduz em seu espírito certa confusão. Paralisa seu vigor para a jornada do dia enfraquecendo sua sensibilidade e *ressecando* a consistência de seu coração que poderia, durante todo o dia, mantê-lo prudente e forte contra todas as ciladas do inimigo.

Eis porque às vigílias fixadas eles acrescentam vigílias particulares as quais se aplicam com cuidado redobrado. Assim o fazem a fim de não perderem a purificação adquirida pela salmodia e pelas orações. Acrescentando a elas a meditação noturna preparam-se, desta maneira, para guardar durante o dia uma atenção mais intensa.

CAPÍTULO XIV Ó COMO, EM SUAS CELAS, UNEM O TRABALHO MANUAL À ORAÇÃO.

1. Por este motivo, eles acrescentam o trabalho às suas vigílias. Creem que, se ficarem sem ter nada para fazer, podem ser surpreendidos pelo sono. Não dispõem do tempo para o lazer e não tem limites para a meditação espiritual. Praticam ao mesmo tempo as virtudes do corpo e da alma. E desta maneira o homem exterior tira o mesmo proveito que o homem interior. Contra os movimentos impuros do coração e os devaneios do pensamento eles lançam, como uma âncora bem fixada, o peso de seus trabalhos. Assim, a inconstância e a divagação do coração podem ser contidas entre os muros da cela como num porto bem seguro. Tal âncora mantém o espírito atento somente à meditação espiritual, guarda os pensamentos e, longe de abandonar-se a qualquer sugestão maligna, protege-o contra todos os pensamentos supérfluos e inúteis. Não podemos distinguir facilmente qual depende de qual: se é por causa da meditação espiritual que praticam um

incessante trabalho manual ou se é por causa da assiduidade ao trabalho que progridem no espírito e adquirem uma tão grande luz de ciência?

CAPÍTULO XV Ó A MODÉSTIA COM QUE RETORNAM À CELA APÓS A MISSA E A CENSURA QUE RECEBE AQUELE QUE AGE DE OUTRA MANEIRA.

1. Então, terminada a salmodia e as despedidas na reunião diária, ninguém ousa demorar-se ou parar para conversar com outro irmão. E, mesmo durante o dia, ninguém está autorizado a deixar a cela ou abandonar o trabalho que tem o costume de realizar, a não ser que lhe seja requerido realizar algum serviço necessário. [Quando acontece de estarem fora, cumprem seus trabalhos sem que haja ocasião de conversas entre eles. Cada um faz o trabalho determinado recitando de memória um salmo ou uma passagem da Escritura] RB L 1-3 e, assim, não deixa nenhum tempo ou ocasião para intrigas ou maus conselhos, nem mesmo conversas inúteis⁵⁶: a boca e o coração estão constantemente unidos para ocupar-se da meditação espiritual.

2. Velam com muita atenção para que ninguém, sobretudo os mais jovens, permaneçam juntos, mesmo por pouco tempo, nem se afastem e nem fiquem de mãos dadas.⁵⁷ Se, malgrado o ensinamento da regra, descobrem que alguém cometeu qualquer ato que a infringe, será visto como rebelde e prevaricador dos mandamentos, declarado culpado por falta grave e não poderá esquivar-se a suspeita de cumplicidade e de intenção perversa. E, enquanto não expiar tal falta pela penitência pública na presença de todos os irmãos, não lhe será permitido participar da prece comum.

CAPÍTULO XVI Ó COMO NÃO TEM VALOR A ORAÇÃO FEITA JUNTAMENTE COM AQUELE QUE FOI IMPEDIDO DE FAZÊ-LA.

1. [Se um irmão, por ter cometido uma falta qualquer, foi afastado da oração, não é permitido a ninguém, doravante, rezar com ele antes que, prostrado por terra em penitência tenha se reconciliado e recebido publicamente o perdão de sua falta por parte do abade. Aliás, deve-se evitar participar da oração junto com o culpado e separar-se dele, convencido de que aquele que está apartado da oração comum está, segundo o Apóstolo, entregue a Satanás; e aquele que, levado por uma piedade inconsiderada, ousar tomar parte em sua oração, antes que receba para isto uma

⁵⁶ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 60: *operantes nihil loquentur saeculare, seda ut meditabuntur ea quae sancta sunt, aut certe silebunt* (BOON, pg. 32). Comparar BASÍLIO, *Reg. mon.*, 136 (PL 103, 536 BC).

⁵⁷ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 95: *Manum alterius nemo teneat* (BOON, pg. 40). Comparar IV, 16, 2 (*infra* pg. 142).

licença, faz-se cúmplice de sua condenação entregando-se voluntariamente a Satanás a quem aquele outro, para correção de sua falta, foi abandonado] **RB XXV 1-3; XXVI**. Agindo de tal maneira, este incorre em reprovação mais grave, pois, por falar ou rezar com o culpado favorece sua arrogância e seu espírito de revolta. Ao conceder-lhe uma consolação perigosa o induzirá a endurecer seu coração cada vez mais o impedindo de se humilhar por sua separação, este dará pouca importância à correção do ancião ou fingirá sua satisfação e o arrependimento.

CAPÍTULO XVII O RESPONSÁVEL POR DESPERTAR OS IRMÃOS PARA A ORAÇÃO DEVE FAZÊ-LO NA HORA COSTUMEIRA.

1. Aquele a quem está confiada a responsabilidade de avisar a comunidade para a *synaxe* não desperte os irmãos para as vigílias cotidianas da maneira que bem entender e, tão pouco, na hora em que achar por bem acordar durante a noite ou segundo sua medida de sono ou de insônia. Mesmo que o costume o faça se levantar a hora conveniente deve, assim mesmo, manter a atenção ao movimento das estrelas e a hora fixada pela assembléia, evitando, ao chamar os irmãos para a oração, de cometer imprudência em dois casos: por dormir muito se atrasar para chamar os irmãos ou, por dormir pouco se antecipar em chamá-los. Satisfazendo sua vontade mostra-se mais solícito para com o seu próprio repouso que em servir ao ofício espiritual e a tranquilidade dos outros.

CAPÍTULO XVIII O NÃO SE DEVE AJOELHAR DA TARDE DE SÁBADO ATÉ À TARDE DE DOMINGO E TAMBÉM DURANTE O TEMPO DA PÁSCOA.

1. Devemos estar atentos também ao seguinte: da tarde de sábado, vigílias de domingo, até à tarde seguinte, não nos ajoelhamos a exemplo dos egípcios, da mesma forma que durante o tempo da Páscoa ⁵⁸, e não observamos a regra do jejum. ⁵⁹ O motivo de assim agir nós exploraremos no devido lugar, nas Conferências dos anciãos, quando agradecer ao Senhor. Nosso propósito presente é somente de discorrer rapidamente sobre o assunto para que este volume não ultrapasse a medida e não venha a fatigar o leitor.

LIVRO III

⁵⁸ Estes são os cinquenta dias que separam a festa da Páscoa da de Pentecostes que são marcados por uma observância especial: cf. *supra* II, 6 (as duas leituras do ofício da tarde e da noite são tiradas do Novo Testamento), e *Conferência XXI De remissione quinquagesimae*.

⁵⁹ Cf. JERÔNIMO, *Prefácio* da sua tradução de Pacômio: *quarta et sexta sabbati ab omnibus jejunatur, excepto tempore Paschae et Pentecostes* (BOON, pg. 7). Esta era, aliás, a prática eclesial universal (vg. AGOSTINHO, *Epist.*, XXXVI, 18; CSEL, t. 34, 2, og. 48).

A NORMA A SEGUIR PARA AS ORAÇÕES E SALMOS DO DIA

Introdução: temperar pela regra da Palestina e Mesopotâmia a observância egípcia que ignora as orações canônicas do dia (I-II).

A. Terça, Sexta e Noa.

1. O cânon palestinese: 3 salmos cada vez (III, 1).
2. Significação simbólica das diversas horas do ofício (III, 2-11)

B. A celebração da manhã.

- Sua origem recente (IV, 1).
- Sua razão de ser (IV, 2 ó V, 2).
- No Oriente, ela não modifica o cânon das vigílias noturnas (VI).
- (VII): Sanção contra os retardatários ao ofício do dia e da noite.

C. Regra particular aos sábados-domingos.

- a) O sábado à tarde, modificação do cânon (VIII, 1): seu objetivo (VIII, 2-4) e sua significação (IX, 1).
- b) O sábado-domingo, ruptura do jejum (IX, 2-3); tradição romana errônea sobre este ponto (X).
- c) O domingo, alívio do ofício (XI), e supressão dos salmos à ocasião da refeição comum (XII).

CAPÍTULO I Ó DA SOLENIDADE DA HORA TERÇA, SEXTA E NOA QUE SE OBSERVA NA SÍRIA.

1. Com a graça de Deus e segundo a fraqueza de meu espírito permitiu, eu penso ter tratado de maneira clara sobre a medida fixada no Egito para as orações e salmodia da noite. Agora, é preciso, segundo anunciamos no Prólogo tratar das celebrações de terça, sexta e noa segundo a regra dos mosteiros da Palestina e da Mesopotâmia.⁶⁰ Estes temperam, por suas instituições, a perfeição e a disciplina rigorosa e inimitável dos egípcios.

⁶⁰ *Praef.*, 9 (*supra*). JERÔNIMO considera esta prática das três horas diurnas como universalmente conhecida na Palestina e em outros lugares: *Horam tertiam, sextam, nonam, diluculum quoque et vesperam, nemo est qui nesciat* (*Epist.* XXII, 37; *PL* 22, 421 ó cf. *Epist.*, CVII, 9; CVIII, 19; CXXX, 15: *PL* 22, 875, 896 e 1119). A *Peregrinatio Etheriae*, que conhece estas mesmas horas, precisa que em Jerusalém a terça é recitada durante a Quaresma (cap. 27; CSEL, t. 39, pg.

CAPÍTULO II ó OS EGÍPCIOS, SEM DISTINÇÃO DE HORÁRIO, UNEM DURANTE TODO O DIA A SALMODIA E A ORAÇÃO CONTÍNUA AO TRABALHO MANUAL.

1. Os ofícios⁶¹ que nós somos chamados a executar para o louvor do Senhor, em horas de intervalos distintos, eles os executam espontaneamente com assiduidade durante todos os horários do dia, juntamente com o trabalho. Pois, estando cada um em sua cela eles trabalham sem parar com suas mãos sem se descuidarem da meditação dos salmos e das outras Escrituras; a todo o momento mesclam a estes preces e orações, permanecendo, assim, todo o dia em ofícios que nós celebramos em horas determinadas. Eis porque fora as reuniões da tarde e da noite eles não realizam celebrações públicas durante o dia, salvo no sábado e no domingo quando se reúnem a terceira hora para a Eucaristia.⁶² De fato, o que é ofertado sem interrupção tem mais valor do que o que é cumprido em tempos fixados, e uma disposição voluntária é mais agradável do que as ações realizadas por convocação regular. Davi se regozijava crendo ser assim mais glorioso ao dizer: òVoluntariamente eu te farei um sacrifícioö e òOs louvores voluntários de minha boca são para ti, Senhorö (Sl 58, 8; Sl 118, 108).

CAPÍTULO III ó COMO POR TODO O ORIENTE AS SOLENIDADES DE TERÇA, SEXTA E NOA CONSTAM DE TRÊS SALMOS E COMO SÃO ESPECIAIS ESTAS HORAS PARA A REALIZAÇÃO DO OFÍCIO LITÚRGICO.

1. [Nos mosteiros da Palestina, da Mesopotâmia e de todo o Oriente limita-se - na celebração das horas acima citadas - à oração de três salmos ⁶³, afim de que, ofereça-se a Deus em tempos fixados uma oração assídua e, na exata medida, renda-se esta homenagem espiritual não prejudicando a realização dos trabalhos necessários] **RB XVII 5.** Nestes três momentos sabemos que

78; SC 21, pg. 210). Estas horas são de regra também no monaquismo basiliano (*Regulae fusius tractatae*, 37, 3; PG 31, 1013 A-C), e antioquino (JOÃO CRISÓSTOMO, *Hom. I in Epist. Prima ad Tim.*, 3-4; PG 62, 575 segs.). Elas não são, aliás, de origem monástica mas mais antigas: primeira confirmação, como oração privada, em TERTULIANO, *De Oratione*, 25 (*Corpus Christianorum*, I, 272) e *De jejuniis*, 10 (*Corpus Christ.*, II, 1267); São CIPRIANO diz que elas são *antiquitus observatas* (*De orat. Dom.*, 35, PL 4, 541 C); referência posterior em M. RIGHETTI, *Storia Liturgica*, 2ª ed., t. II (Milão 1955), pág. 476-478 (cf. também P. SALMON, òLa prière des Heuresö em A. G. MARTIMORT, *L'Église en prière. Introduction à la Liturgie*, Paris 1961, pg. 789 s.). A. VAN DER MEENSBRUGGHE demonstrou a este propósito como o monaquismo egípcio se constituiu independente da organização eclesiástica existente (òPrayer time in egyptian monasticismö, em *Studia Patristica*, t. II: TU 64, 1957, pg. 435-454).

⁶¹ O termo ofício (*officium*) expressa a idéia de dever, obrigação ou compromisso, neste caso, litúrgico, distinto do ofício como forma de trabalho manual. O termo, muitas vezes, é utilizado de forma indistinta nos mosteiros da atualidade. (N.T.)

⁶² A õregra angélicaö tal como reafirma Paládio prescreve a oração da nona hora (H.L., 32; BUTLER, pg. 92); esta, portanto, segundo a *Vita tertia* não é prescrita cotidianamente (32, Halkin, pg. 277).

⁶³ Cf. supra, II, 2, 2.

também o profeta Daniel oferecia diariamente a Deus orações de dentro de seu quarto com as janelas abertas. E não é sem razão que estes momentos são consagrados de forma especial à devoção religiosa, pois foi então que se cumpriu a perfeição da promessa e a consumação de nossa salvação.⁶⁴

2. À terceira hora, o Espírito Santo prometido pelos profetas desceu pela primeira vez sobre os apóstolos reunidos em oração. E, como o povo judeu infiel pasmou-se diante do dom de falar em línguas que receberam pela efusão do Espírito Santo, considerando-os embriagados, Pedro se levantou no meio deles e disse: ÕHomens de Israel e todos que habitais Jerusalém, prestai atenção as minhas palavras: estes homens não estão embriagados como pensais, pois é ainda a terceira hora do dia. Mas acontece aqui o que foi predito pelo profeta Joel: e nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei de meu espírito sobre toda carne, e vossos filhos e filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e os anciãos sonhos. Em verdade sobre meus servos e servas naqueles dias derramarei meu espírito e eles profetizarão. 3. Vemos, então, que tudo se passou à terceira hora e que, neste mesmo momento, o Espírito Santo anunciado pelos profetas veio sobre os apóstolos.

À sexta hora, nosso Senhor e Salvador, hóstia sem mancha, se ofertou ao Pai e subiu à cruz para a salvação do mundo inteiro, apagando os pecados do gênero humano. ÕDepôs os principados e as potestades; e a nós todos, culpados e acorrentados pela dívida de uma condenação⁶⁵ insolúvel, nos libertou, suprimindo esta dívida cravando-a sobre o troféu da cruz. 4. À mesma hora, ainda, Pedro tomado em um arrebatamento do espírito, teve a revelação da vocação das nações figurada pelo Õobjeto evangélico descido do céu e da purificação de todos os animais que aí se encontravam⁶⁶, uma voz divina lhe disse: Õtoma, Pedro, e come. Ora, este Õobjeto por quatro princípios descido do céu sabemos que não designa outra coisa que o Evangelho.⁶⁷ Ele parece ter quatro princípios distintos, por causa dos quatro evangelistas; entretanto, o corpo do Evangelho é único, contendo o nascimento e, também, a divindade do mesmo Cristo, seus milagres e sua paixão. 5. Ora, diz-se não Õum tecido, mas Õcomo um tecido, pois o tecido é sinal da mortificação. Então, já que a morte do Senhor pela paixão está sujeita não a lei da natureza humana, mas a decisão de sua própria vontade diz-se, então, Õcomo um tecido. Morte segundo a carne, mas não morte segundo o espírito Õpois a sua alma não foi abandonada nos infernos, e sua carne não se

⁶⁴ Este simbolismo das horas diurnas não é próprio nem de CASSIANO e nem do monaquismo. TERTULIANO, *De oratione*, 25, refere-se já sobre Terça quanto a descida do Espírito Santo, sobre Sexta quanto a visão de Pedro, e sobre Noa quanto a subida de Pedro e João ao Templo (CC I, 272). Em *De jejúio*, 10, acrescenta ao seu primeiro simbolismo um segundo, mais cristológico, confirmado por CASSIANO: Sexta remonta à subida de Cristo a Cruz, e Noa sua morte (CC II, 1267). São CIPRIANO evoca a descida do Espírito Santo por volta da Terça, a visão de Pedro à Sexta e a morte de Cristo à Noa (*De oratione dominica*, 34; PL 4, 541 B).

⁶⁵ Do latim: *Chirographus* (do grego *cheirografos*: tudo que é escrito de próprio punho (N.T.).

⁶⁶ No êxtase de Jope, Pedro vê descer do céu um Õobjeto amarrado por quatro pontas (*initia, archai*) e contendo animais considerados impuros para que ele coma. Esta descrição, que já Õnão é muito clara (E. JACQUIER, *Les Actes des Apôtres*, coll. ÕÉtudes bibliques pg. 317) é ainda sobrecarregada pela aplicação simbólica que lhe faz CASSIANO.

⁶⁷ cf. nota acima (N. do T.).

corrompeu. E, ainda: *“Ninguém, ele diz, toma minha vida, mais eu a dou eu mesmo. Tenho o poder de lha dar, e o poder de tomá-la de volta”*. **6.** Eis porque todas as nações outrora consideradas impuras por serem estranhas a prática da lei convergem para o reconhecimento da lei neste *“recipiente”* dos Evangelhos escritos pelo Santo Espírito enviados do céu. Renunciam desta forma, para sua salvação, ao culto dos ídolos e se aproximam deste alimento salutar, que é, pela voz do Senhor, designado a Pedro como sendo puro.

Ele penetra nos infernos à nona hora e, com o brilho de seu esplendor, dissipa as trevas. Quebra as portas e destrói os ferrolhos de ferro, e leva consigo aos céus os santos que eram mantidos cativos nas trevas deste inferno cruel. Apaga a espada de fogo e rende ao paraíso seus habitantes outrora testemunhas de sua bondade. **7.** É ainda a mesma hora que o centurião Cornélio fazendo suas orações com a costumeira devoção ouve da boca de um anjo que o Senhor se lembrou de suas orações e esmolas e a nona hora lhe manifesta o mistério da vocação das nações, que fora revelada a Pedro em um arrebatamento do espírito a sexta hora. Em outra passagem dos Atos dos Apóstolos (cf. At 10 13) faz-se menção do seguinte: *“Pedro e João sobem ao Templo para a oração da nona hora”* (At 3, 1).

8. Tudo isto prova claramente que estas horas, consagradas não sem razão ao serviço religioso por homens santos e apostólicos devem, também, da mesma maneira, ser observadas por nós que, se não fossemos obrigados pelo dever da piedade em momentos determinados, passaríamos todos os dias no esquecimento e na preguiça, envolvidos em nossas ocupações sem recorrer à oração.

O que dizer do sacrifício da tarde prescrito mesmo no Antigo Testamento pela lei mosaica? (Nm 28, 4). **9.** De fato, os holocaustos da manhã e os sacrifícios da tarde eram a cada dia, como hóstia figurada, oferecidos no Templo, o podemos provar pelo canto de Davi: *“Que minha oração suba como incenso em tua presença, e que de minhas mãos se levantem como um sacrifício da tarde”* (Sl 140, 2). Podemos compreender de forma espiritual que se trata aqui do verdadeiro sacrifício vespertino: é aquele que, ao anoitecer, o Senhor Salvador ensinou aos apóstolos à Última Ceia quando ele instituiu os mistérios santos da Igreja, é aquele que ele mesmo ordena oferecer-se ao Pai, sacrifício da tarde, a ser realizado até o final dos séculos, pela elevação de suas mãos pela salvação do mundo inteiro. **10.** É correto quando dizemos *“elevação”* ao nos referirmos a seu gesto de estender as mãos sobre o patíbulo; pois, nós todos que nos encontrávamos no inferno, ele fomos ao céu segundo a promessa que ele havia feito: *“Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim”* (Jo 12, 32).

Quanto à celebração matinal, nós fomos instruídos porque temos o costume de cantar a cada dia: *“Deus, meu Deus, depois da aurora eu vigio diante de ti”*. E: *“De manhã medito em ti”*. E ainda: *“Meus olhos antecipam o dia para meditar tuas palavras”* (Sl 62,2; Sl 108).

11. É ainda a esta hora que o pai de família do Evangelho contrata os trabalhadores para sua vinha. De fato, está escrito que ele contrata pela manhã ó tempo que significa nossa celebração da manhã ó, depois à terceira hora, à sexta, à nona e, enfim, à décima primeira hora, hora que significa o *lucernário*.⁶⁸

CAPÍTULO IV Ó COMO A SOLENIDADE DA MANHÃ NÃO É PARTE DA ANTIGA TRADIÇÃO, MAS CRIADA EM NOSSOS TEMPOS POR UMA DETERMINADA RAZÃO.

1. Portanto é preciso que se saiba que esta observação canônica da manhã⁶⁹ que hoje é praticada, sobretudo no Ocidente, foi instituída primeiramente em nossos tempos e em nosso mosteiro, aqui onde nosso Senhor Jesus Cristo, nasceu da Virgem, e designou incrementar a infância humana e confirmou por sua graça nossa primeira infância na religião.⁷⁰ Hoje nós constatamos que esta celebração matinal ó que, uma vez finalizada a salmodia e as preces da noite, costuma-se celebrar nos mosteiros da Gália depois de um pequeno intervalo ó era realizada ao mesmo tempo em que as vigílias cotidianas. As horas restantes eram deixadas pelos anciãos para o repouso do corpo.

2. Mas, abusando desta facilidade, os mais negligentes prolongavam deveras o sono, pois não tinham nenhuma obrigação de participarem de alguma reunião que os levassem a deixar a cela ou se levantarem de suas camas antes da terceira hora; e, em detrimento do trabalho, permaneciam adormecidos por um excesso de sono, sobretudo nos dias ou nas vigílias que se prolongavam desde as horas da noite até a aurora, acarretando uma grande fadiga. Mas havia certos irmãos cheios de grande fervor cuja referida negligência causava grande desgosto, e reclamaram aos anciãos. E estes, depois de longa deliberação decidiram que até o levantar do sol poder-se-ia, sem prejuízo, dedicar-se à leitura ou executar algum trabalho manual. Chamados, depois, pelo dever da piedade, todos se levantariam ao mesmo tempo de suas camas e, após a celebração dos três salmos e orações ó semelhante aquela outrora fixada para terça e sexta ó a exemplo da tríplice confissão ó deixariam então de dormir e começariam uniformemente o trabalho.

3. Esta regra, que surgiu devido a tais circunstâncias e é uma regulamentação recente pela razão que dissemos, completa evidentemente segundo a letra este número do qual fala o bem-

⁶⁸ Do latim *lucernarium*, hora em que se acendem as luzes, início da noite. (N. do T.).

⁶⁹ Rompendo com a interpretação antiga, J. FROGER, *Les origines de Prime* (Roma 1946) procurou mostrar como a nova celebração aqui descrita é Laudes e não Prima. Ver também *id.*, ãNota para retificar a interpretação de CASSIANO (Inst. III, 4 e 6) proposta em *Les origines de Prime*, em *Archiv für Liturgiewissenschaft*, Bd II (1952), pg. 96-102, mas em sentido inverso, J. M. HANSSENS, *Aux origines de la prière liturgique. Nature e genese de l'office de Matines* (Roma 1952) esforça-se em provar que CASSIANO não descreve a instituição de Laudes, õmas, sim, Prima ou algum ofício de função análoga (pg. 45). Os especialistas de história litúrgica não estão de todo em acordo quanto a isto, preferimos, pois, excluir de nossa tradução estas duas palavras que, afinal, CASSIANO não utiliza.

⁷⁰ Cf. infra, IV, 31 e *Conferência*, XX, I, 5.

aventurado David ó segundo seu sentido espiritual: õSete vezes ao dia vos louvei pelos julgamentos de tua justiça (Sl 118, 164). De fato, somando as sete celebrações e fazendo sete vezes ao dia estas reuniões espirituais, provamos, sem nenhuma dúvida que, por sete vezes ao dia nós proclamamos o louvor do Senhor.⁷¹

Finalmente, tendo vindo este costume do Oriente propagou-se com muito fruto aqui. Mas, hoje ainda em certos mosteiros mais antigos do Oriente onde não se tolera que seja infringido o menor regulamento dos pais, constata-se que ela não é de todo admissível.

CAPÍTULO V Ó COMO É VANTAJOSO NÃO VOLTAR A DORMIR APÓS A ORAÇÃO MATUTINA.

1. Alguns desta província, ignorando a razão pela qual tal celebração foi criada ou inventada, voltam a dormir uma vez terminados os hinos da manhã, caindo no mesmo mal que nossos anciãos quiseram reprimir ao instituírem tal celebração. Estes que são negligentes ou menos ardorosos se apressam em cumprir tal hora propícia para retornar ao sono. Mas, não é preciso que seja assim como nós expusemos no livro precedente ao descrevermos a *synaxe* dos egípcios.⁷² Isso se não quisermos que nossa purificação adquirida por uma humilde confissão e pelas orações matinais seja maculada por um excesso de humores naturais ou corrompida pela ilusão do inimigo. Pois, mesmo sendo um sono puro e simples interrompe o fervor de nosso espírito e, envolvidos pelo seu torpor, ficamos sem forças e preguiçosos por todo o resto do dia.

2. Para não correr este risco, se bem que têm o costume de se levantar em certos dias antes mesmo do canto do galo, os egípcios, uma vez regularmente dispensada a assembléia, prolongam ainda a vigília até o dia. Desta forma a luz da manhã os encontra firmes no fervor do espírito e os mantêm plenos de ardor durante todo o dia; encontram-se, assim, preparados para a luta e fortificados pelo exercício das vigílias noturnas e meditação espiritual para o combate diurno contra o diabo.

CAPÍTULO VI Ó COMO COM A INSTITUIÇÃO DA SOLENIDADE DA MANHÃ OS ANCIÃOS EM NADA MUDARAM A ORDEM PRIMITIVA DA SALMODIA.

1. É necessário saber que os anciãos ao resolveram acrescentar esta celebração da manhã em nada mudaram o antigo costume da salmodia: a reunião se passa da mesma maneira como naquela que acontece durante a noite. Ainda hoje, eles cantam no fim das vigílias noturnas ó que terminam

⁷¹ Havia sido apresentadas seis reuniões de oração: esta nova celebração da manhã, Tercia, Sexta, Noa, o ofício da tarde e o da noite. A sétima é a oração comum antes de deitar-se (Completa) cuja menção é feita no Livro IV, XIX, 2.

⁷² Cf. supra, II, XIII, 1-5.

normalmente depois do canto do galo e antes da aurora ó os hinos que, naquela região, foram retirados para a celebração da manhã. Partem do salmo 148 cujo início é: *ôLouvai o Senhor do céuü* e dos que se seguem. Escolheram os salmos 50, 62 e 89 para a nova celebração.⁷³ Ainda hoje, na Itália, uma vez acabados os hinos da manhã, canta-se em todas as igrejas o salmo 50. Parece-me evidente que não foi inspirado em outra fonte que não esta.

CAPÍTULO VII Ó COMO AQUELE QUE NÃO CHEGA AO ORATÓRIO PARA A ORAÇÃO DO DIA ANTES DE ESTAR TERMINADO O PRIMEIRO SALMO NÃO TEM LICENÇA DE ENTRAR. PARA A ORAÇÃO DA NOITE, O ATRASO É FALTA VENIAL ATÉ O FIM DO SEGUNDO SALMO.

1. Aquele que à hora Terça, Sexta e Noa chega para a oração depois de terminado o primeiro salmo não ousa entrar no oratório nem se misturar com os que salmodiam, mas, em pé, diante da porta, espera a saída de toda a assembléia. À saída dos irmãos, inclina-se por terra para penitenciar-se. Sabe que não há outra forma de expiar seu delito de preguiça e que não poderá ser admitido à celebração que acontecerá daí a três horas se não tiver satisfeito com verdadeira humildade a negligência presente. 2. Mas para as reuniões noturnas concorda-se que o retardatário tenha o prazo até o segundo salmo para chegar e tome rapidamente seu lugar no meio dos irmãos antes que estes se inclinem para a oração ao fim deste salmo. Esteja passível, no entanto, de reprovação e seja mesmo submetido à penitência que já dissemos caso chegue depois do prazo fixado.⁷⁴

CAPÍTULO VIII Ó DURAÇÃO E ORDEM DA VIGÍLIA QUE SE CELEBRA À TARDE NA VÉSPERA DE SÁBADO.

1. Nas vigílias que se celebram cada sábado a partir das vésperas, e como no inverno as noites são mais longas, os anciãos deram como limite nos mosteiros o quarto canto do galo. Assim, depois de uma vigília que durou toda a noite, lhes restam duas horas para repousarem, não correndo mais o risco de permanecerem sonolentos durante todo o dia. Contentam-se com este breve repouso para se refazerem da noite.

⁷³ Consequentemente, no Oriente, os três salmos desta nova celebração são os salmos 50, 62 e 89, enquanto no Ocidente (ou entre os monges da Provença: *in hac regione*) separou-se os três salmos 148, 149 e 150 que, no Oriente, continuaram a ser recitados ao fim do ofício da noite (e não são repetidos à celebração matinal, como escreveu J. FROGER, *op. cit.*, pg. 41).

⁷⁴ Regulamentação inspirada do regime pacomiano: cf. *Praecepta*, 9-10 (BOON, pg. 15).

2. Eis que se precisaria observar com grande vigilância o seguinte: satisfeitos pelo sono que dispomos depois da despedida das vigílias até o iniciar do dia, ou seja, até a salmodia da manhã, devemos passar o dia inteiro no trabalho e nos ofícios necessários. Isto para não dar a impressão de que procuramos recuperar durante o dia o sono subtraído da noite, cansados que estamos pelas vigílias, e de ter somente trocado o horário do repouso, rezando durante a noite e dormindo durante o dia.

Nossa carne frágil não poderia privar-se do repouso de uma noite sossegada e, no dia seguinte, conservar intacta sua vigilância sem sonolência do espírito nem torpor da alma. Ela seria mais prejudicada do que auxiliada se, depois das despedidas da Vigília, ela não tivesse o gosto de um sono bem curto.

3. Eis porque, como ficou dito, se ao menos uma só hora for separada para o sono antes do levantar para o dia, nós ganharemos todas as horas de vigília passadas em oração durante a noite inteira, conciliando assim a natureza e não ficando ela forçada a retomar durante o dia o que foi subtraído à noite. Devolverá certamente tudo a sua carne, aquele que não subtrair-lhe prudentemente só uma parte, mas querer tudo lhe recusar; ou seja, falando mais precisamente, querer cortar não somente o supérfluo, mas também o necessário.

4. Pois será preciso restituir com usura estas vigílias se as prolongamos até o dia sem considerarmos o quanto isto não é razoável. Eis porque nossos anciãos as dividem em três partes, para assim diminuir a fadiga e aliviar com um pouco de descanso o enfraquecimento do corpo. Depois de ter cantado primeiramente as três antífonas, assentam-se no chão ou em bancos muito baixos, e um deles entoia os três salmos, e os demais respondem. Os irmãos se revezam na salmodia. Ainda assim, na mesma posição de repouso, eles acrescentam as três leituras. Resulta assim que, diminuindo a fadiga mental, podem acompanhar as Vigílias com uma grande atenção de espírito.⁷⁵

CAPÍTULO IX Ó A RAZÃO DA VIGÍLIA NO AMANHECER DE SÁBADO E PORQUE EM TODO O ORIENTE É PRESUMIDA A SUSPENSÃO DO JEJUM NESSE DIA.

1. Eis a razão pela qual em todo o Oriente depois da origem da religião e da fé cristã no tempo da pregação apostólica decidiu-se celebrar estas vigílias na noite de sábado e na seguinte. Nosso Senhor e Salvador foi crucificado no sábado,⁷⁶ e os discípulos, perturbados por sua paixão, vigiaram durante toda a noite sem pregarem os olhos. Assim, depois de certo tempo, a celebração das vigílias fixada nesta noite é ainda observada até estes dias em todo o Oriente.

⁷⁵ Cf. O. HEIMING, *Zu monastischen Offizium von Kassianus bis Kolumbanus*, pg. 106-109.

⁷⁶ *Sexta sabbati*, a dizer a sexta-feira: cf. JERÔNIMO, *Epist.*, CXX, 4: *Una sabbati, dies dominica intelligenda est, quia omnis hebdomada in sabbatum, et in primam, et secundam, et tertiam, et quartam, et quintam, et sextam sabbati dividitur* (PL 22, 987).

2. Eis, portanto a razão pela qual em todas as Igrejas do Oriente, estimamos a justo título a ruptura do jejum após a fadiga das vigílias que foi decidida pelos mesmos apóstolos. Estão assim em conformidade à sentença do Eclesiastes que tem um sentido místico, significando que nos foi ordenado atribuir a esta solenidade os dois dias, o sétimo e o oitavo; assim diz: *õDê sua parte ao sétimo e também ao oitavo* (Ecle 11, 2). 3. Esta suspensão do jejum não deve ser considerada como uma participação à festa judaica, pois estes, sobretudo, se mostram estranhos a todas as superstições judaicas. É somente como um descanso que, como dissemos, convém aos corpos fatigados e que, depois do jejum constante de cinco dias durante todas as semanas do ano se enfraquecem e debilitam se não forem reconfortados ao menos por este intervalo de dois dias.

CAPÍTULO X Ó A RAZÃO PELA QUAL, EM ROMA, SE JEJUA NO SÁBADO.

1. Alguns em certas cidades ocidentais e, sobretudo, na Cidade (Roma), ignorando o motivo destas medidas pensam que não é preciso romper o jejum do sábado, pois, dizem, o apóstolo Pedro jejuou neste dia quando se opôs a Simão. Assim agiu não em virtude de um costume e sim devido ao combate que se apresentava porque, neste caso, ele parece ter indicado então a seus discípulos um jejum não habitual, mas de circunstância. Ele não agiria assim, com certeza, se soubesse que esta prática se tornaria um costume regularmente observado. E sem dúvida alguma ele teria ordenado o jejum mesmo no domingo se a ocasião do combate se tivesse dado neste dia. Entretanto, ele não seguiu mais que este jejum, considerando que ele não institucionalizou uma prática geral, mas a necessidade exigiu que o praticasse uma vez.⁷⁷

CAPÍTULO XI Ó DE QUE MANEIRA A SOLENIDADE DO DIA DE DOMINGO SE DIFERE DOS DEMAIS DIAS.

1. Não devemos ignorar mais isto. No domingo, antes da refeição, celebra-se somente um ofício no qual, por respeito à oração e comunhão dominical, aplica-se com mais solenidade e fervor à salmodia, às orações e às leituras. Estima-se que também Terça e Sexta são realizadas no mesmo tempo. Assim, nada é diminuído do ofício da oração, porque se unem às leituras. E, entretanto, apesar da semelhança com os dos outros dias, é mais suave levando em conta ser este o dia da

⁷⁷ Episódio atribuído às *Acta Petri cum Simone*, 18; ed. R.A. LIPSIUS, na *Acta Apostolorum apocrypha*, t. I (Leipzig 1891), pg. 65. Simão o mago viera a Roma (cf. EUSÉBIO, *H.E.*, II, XIII-XIV) e Pedro deveria confrontá-lo em uma discussão pública no sábado, por conseguinte pede que a comunidade cristã o ajude neste dia pelo jejum e a oração. S. AGOSTINHO conhece também tal tradição e a combate em uma carta a CASULANO (Epist., XXXVI, 21; CSEL, t. 34, 2, pg. 50-51).

Ressurreição do Senhor. Esta prática visa amenizar a observância de toda a semana e, introduzindo a variedade, ela incita a esperar o domingo com mais solenidade, como um dia de festa. Esta espera torna o jejum da semana menos duro. De fato, suporta-se sempre a fadiga com mais constância e dá-se sem desgosto à tarefa se alguma modificação ou mudança, qualquer que seja, é levada ao trabalho.

CAPÍTULO XII Ó COMO NOS DIAS EM QUE HÁ CEIA NÃO SE DIZ NENHUM SALMO À MANEIRA DA REFEIÇÃO DO MEIO-DIA.

1. Enfim, nestes mesmos dias, sábados e domingos ou nos dias festivos, quando se costuma oferecer aos irmãos o almoço e o jantar, não se dizem os salmos da tarde, nem ao fim do jantar, nem quando se levanta da mesa, como se faz normalmente para a refeição de festas e para a colação regulamentar que segue o jejum ou ao começo e termino das refeições ordinárias. Mas janta-se após ter-se feito somente uma simples prece e, terminado, se procede da mesma maneira. O motivo para tal é o de que entre os monges esta refeição é considerada extraordinária, e que não estão todos obrigados a se reunirem, mas nela comparecem os irmãos peregrinos, os doentes e aqueles que dela querem participar.

LIVRO IV

DA FORMAÇÃO DOS QUE RENUNCIAM AO MUNDO

Introdução: (I-II)

A. Formação para a vida monástica.

1) Antes da admissão na comunidade:

- a) dez dias de provação à porta (III);
- b) despojamento das riquezas (III-V);
- c) veste monástica (VI);
- d) um ano de estágio na hospedaria, antes de ser confiado a um ancião (VII);

2) Os primeiros ensinamentos do ancião:

- a) vencer as vontades (VIII);
- b) abertura da consciência (IX);

c) obediência (X).

B. A vida no mosteiro.

- a) prática da obediência (XII);
- b) desligamento absoluto (XIII-XV);
- c) o õpenitencialõ (XVI);
- d) a alimentação (XVII-XVIII);
- e) Organização e espírito dos õserviçõsõ: no Oriente (XIX-XXI), e no Egito (XXII).

C. Alguns monges exemplares.

- a) João de Licópolis (XXIII-XXVI);
- b) Patermuto (XVII-XXVIII);
- c) Um irmão de origem nobre (XXIX);
- d) Pifinúncio (XXX-XXXI).

D. O espírito da vida monástica (discurso do õapreço do hábitoõ):

Introdução: seriedade da vida monástica (XXXII-XXXIII);

- a) Renúncia: participação na Cruz (XXXIV-XXXV);
- b) Jamais voltar atrasado (XXXVI);
- c) Ser vigilante (XXXVII-XXXVIII);
- d) Os sinais da humildade (XXXIX);
- e) Viver como surdo-mudo-cego (XL-XLI, 2);
- f) A loucura do mundo e sabedoria de Deus (XLI, 3-XLII).

Conclusão.

CAPÍTULO I Ó DAS INSTITUIÇÕES DOS QUE RENUNCIAM AO MUNDO E DE COMO EM TEBAIDA E EGITO SE PROCEDE À INICIAÇÃO DOS QUE SÃO RECEBIDOS NO MOSTEIRO.

1. Da maneira de se guardar nos mosteiros as orações e salmodia nas reuniões do dia nós passaremos, seguindo a ordem de nossa exposição, à instrução daqueles que renunciam ao mundo. Esforçar-nos-emos, primeiramente, em reagrupar, o mais breve possível, as condições para aqueles que são recebidos nas comunidades e que desejam se voltar para Deus, mesclando este objetivo a certos pontos da regra dos egípcios e no mosteiro da Tebaida. Este último é numericamente mais

povoado, apesar da austeridade de vida e de ser mais restrito que todos os outros, pois, mais de cinco mil irmãos lá são dirigidos por um só Abade. Entretanto, este grande número de monges, permanecem cotidianamente submissos a anciãos em tal observância que em nossa casa um só não poderia obedecer assim a um outro nem lhe comandar durante pouco tempo.⁷⁸

CAPÍTULO II Ó POR QUAL RAZÃO SE PERSEVERA NOS MOSTEIROS ATÉ A IDADE AVANÇADA.

1. Eu penso que é preciso abordar como é possível se manter assim por tanto tempo em perseverante e humilde submissão, de tal forma que faz com que permaneçam no mosteiro até o extremo da velhice, e de que maneira se adquire tal perseverança. Pois ela é tão grande que não nos lembramos de ninguém que, tendo entrado em nosso mosteiro, a tivesse observado somente por um ano inteiro. Visto assim o início dos princípios de suas renúncias, nós poderemos, então, compreender como tais fundamentos tornam possível a permanência no cimo elevado da perfeição.

CAPÍTULO III Ó COMO É APROVADO AQUELE QUE É RECEBIDO NO MOSTEIRO.

1. [Aquele que procura ser admitido sob a disciplina do mosteiro não o é antes de ter se demorado durante dez dias ou mais à porta do mosteiro, dando provas de sua perseverança e de sua vontade, e também de sua humildade e de sua paciência. Jogando-se aos pés de todos os irmãos que passam, ele é sistematicamente rejeitado e menosprezado por todos como se ele ansiasse entrar no mosteiro não por ter uma intenção piedosa, mas por alguma necessidade. Sobrecarrega-se o candidato de injúrias e de reprovações sem número.⁷⁹ Quando ele der provas de sua constância e tiver demonstrado suportar estas injúrias ó eis qual será seu comportamento nas tentações ó é que, conhecendo-se o ardor de seu espírito, será aceito] RB LVIII 1-5. [Procurar-se-á então, com um cuidado extremo, verificar se ele não tem apego às suas antigas riquezas, por um único centavo que seja] RB LVIII 24. 2. Eles sabem que ele não poderá demorar-se por muito tempo sob a regra do mosteiro, nem tão pouco adquirir a virtude da humildade ou da obediência, e que ele não viverá contente na

⁷⁸ Em torno de 394-395, o redator da *Historia monachorum in Aegypto* indica entre 3.000 monges tebaidenses (H.M.A., III, 1; pg. 39). Segundo PALLADE (seguido por ZÓZIMO, H.E., III, 14; PG 67, 1073 A), eles são alguns anos mais tarde em torno de 7.000 (H.L. 33; BUTLER, pg. 96). À morte de PACÔMIO (346), eles eram 3.000 (H.L.; BUTLER, pg. 27). Cf. P. LADEUZE, *Étude sur le cénobitisme pachomien pendant le IV siècle et la première partie du V siècle* (Paris-Louvain 1898), pg. 202-204. Como o nota BUTLER (op. cit., pg. 209-210) é preciso considerar que estes números representam o conjunto das comunidades pacomianas, e não somente em um único mosteiro da Tebaida. A cifra de 50.000 monges apresentada por JERÔNIMO em 404 (*Praefatio*, 7; BOON, pg. 8) é fantasiosa.

⁷⁹ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 49 (BOON, pg. 25-26). Um exemplo concreto é relatado um pouco mais longe a propósito do abade PIFINÚNCIO (IV, 30, 2 s.) que, por sua vez, explicará o sentido em seu discurso sobre o ôvalor do hábitoô (IV, XXXII s.).

pobreza e austeridade do mosteiro se, em sua consciência, ele conservar guardado seu dinheiro ó mesmo que seja pouco; mas que na primeira ocasião esta reserva fará nascerem nele dificuldades, animadas pela confiança nelas, ele acabará por deixar o mosteiro tão rápido como se fosse lançado fora por uma funda.

CAPÍTULO IV Ó PORQUE NÃO É PERMITIDO AOS QUE SÃO ADMITIDOS NO MOSTEIRO TRAZER NADA CONSIGO.

1. [Por este motivo, recusam receber até mesmo o dinheiro que serviria para as necessidades do mosteiro. Receiam, sobretudo, que o seguro desta oferta venha inchá-lo e que ele não mais se digne viver em igualdade com os irmãos mais pobres. É também para evitar que, esta vaidade venha impedi-lo de descer até a humildade de Cristo impedindo-o de perseverar sob a regra do mosteiro] **RB LIX 6.** Vindo a deixar o mosteiro, não se sentiria tentado a recuperar ó com um espírito sacrílego ó e a exigir, não sem fazer injustiça ao mosteiro, o que por renúncia ele lá tinha deixado quando estava inflamado de fervor espiritual? A larga experiência fez com que sempre apliquem este princípio. Pois, em alguns mosteiros menos prudentes, que receberam vocações sem terem tomado precauções, algumas destas vocações poderão reclamar que lhes restitua o que lá deixaram para a realização da obra de Deus. Estas coisas são causa de grande blasfêmia.

CAPÍTULO V Ó PORQUE AQUELES QUE INGRESSAM NO MOSTEIRO SE DESFAZEM DE SUAS ROUPAS E RECEBEM OUTRAS DO ABADE.

1. [Eis porque quando alguém é recebido no mosteiro é despido de todas as suas riquezas anteriores de tal forma que não lhe é permitido conservar as vestes com as quais estava vestido na ocasião. Mas, apresentado à assembléia dos irmãos, ele é despido pelo próprio abade de suas vestes pessoais e revestido daquelas do mosteiro] **RB LVIII 24-26**⁸⁰, afim de que perceba que não somente deixou todas as riquezas mundanas, mas que também desceu até a pobreza e a indigência de Cristo e que, doravante, não mais procurará sua subsistência nos bens adquiridos segundo as maneiras do século ou guardadas no tempo de sua antiga infidelidade, e sim receberá das piedosas esmolas do mosteiro o salário de seu combate. Receberá de outros suas roupas e seus alimentos, aprenderá a nada possuir e não se inquietar com o dia seguinte, segundo a sentença do Evangelho (cf. Mt 6, 34),

⁸⁰ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 49: depois da provação a qual CASSIANO se referiu no capítulo III, *tunc nudabunt eum vestimentis saecularibus et indevent habitu monachorum* (BOON, pg. 26). A doutrina a respeito do monaquismo primitivo é a de que a troca das vestes significa uma mudança de mentalidade (cf. Ph. OPPENHEIM, *Symbolik und religiöse Wertung...*, pg. 1-29).

e a não envergonhar-se de ser igual aos pobres ó isto é, do corpo da fraternidade ó pois que Cristo não se envergonhou de encontrar-se entre eles e de considerá-los irmãos; mas ele se glorificava de compartilhar da herança de seus servidores.

CAPÍTULO VI Ó POR QUAL RAZÃO AS ROUPAS DAQUELE QUE INGRESSA NO MOSTEIRO SÃO GUARDADAS PELO ECÔNOMO.

1. [As roupas das quais o candidato se despojou são colocadas de lado e conservadas pelo ecônomo] **RB LVIII 27** ⁸¹ até que seja claramente reconhecido, por diversas tentações e provas, o valor de seu progresso, a seriedade de sua maneira de viver e sua resistência. E caso fique claro que, com o passar do tempo, ele persiste no mesmo fervor de quando iniciou, suas antigas roupas são, então, distribuídas aos indigentes. [Porém, caso se descubra nele uma inclinação à murmuração, ou uma falta qualquer, mesmo que ligeira, de desobediência, então tira-se dele o hábito que recebeu e ele é mandado embora revestido das vestes antigas que havia posto de lado] **RB LVIII 28**. Não é permitido a ninguém ir embora vestindo o hábito que recebeu no mosteiro, não se permite que aquele que relaxou na disciplina de sua formação permaneça revestido com tais roupas. Eis porque ninguém tem também o direito de deixar o mosteiro livremente, mas sim como um escravo fugitivo. Ele partirá durante a noite, procurando ganhar as trevas mais densas, pois, sendo julgado indigno da ordem e da profissão monástica, será expulso e marcado pela confusão, depois de ter deposto na presença de todos os irmãos o hábito do mosteiro.

CAPÍTULO VII Ó POR QUAL MOTIVO NÃO É PERMITIDO AOS QUE INGRESSAM NO MOSTEIRO FICAREM JUNTOS IMEDIATAMENTE COM OS IRMÃOS, MAS SÃO CONFIADOS AO MONGE QUE CUIDA DOS HÓSPEDES.

1. [Mesmo quando alguém é recebido e aprovado devido à perseverança que ficou dita acima e abandonadas suas roupas pessoais e tendo recebido o hábito do mosteiro não lhe é permitido misturar-se imediatamente à comunidade dos irmãos, mas é confiado a um ancião, que o toma a parte, não longe da entrada do mosteiro, na hospedaria, assumindo como encargo o cuidado dos estrangeiros e dos hóspedes, e lhes deve dispensar toda a hospitalidade e humanidade necessárias] **RB LVIII 4-6**. Quando aí tiver servido durante um ano inteiro, tendo provado sua disponibilidade no cuidado dos estrangeiros e adquirido assim os primeiros elementos da humildade

⁸¹ Cf. PACÔMIO, *ibid.*: *vestimenta autem quae secum detulerat accipient qui huic rei praepositi sunt, et inferentur in repositorium.*

e da paciência. Ficando conhecido seu longo treinamento poderá se misturar à comunidade dos irmãos. É confiado, a partir de então, a outro ancião, escolhido pelo abade, responsável por dez jovens a serem instruídos, seguindo a prescrição de Moisés deixada no livro do Êxodo (cf. Ex 18, 25).

CAPÍTULO VIII Ó QUAIS AS PRIMEIRAS PRÁTICAS AS QUAIS OS PRINCIPIANTES SÃO SUBMETIDOS PARA AVANÇAREM NA SUPERAÇÃO DOS DESEJOS.

1. [A preocupação e objeto principal da formação são tornar o jovem monge capaz de se elevar até o ápice da perfeição, aprendendo primeiramente a vencer suas vontades] **RB V 7; VII 19-21.31.** A isto deverá aplicar-se com diligência. Seu formador cuidará de observar sempre o que é contrário ao seu temperamento. Este, instruído por múltiplas experiências e ensinamentos, sabe que um monge ó e, sobretudo os mais jovens ó não poderá refrear seus desejos se, doravante, não aprender pela obediência a mortificar suas vontades. Eis porque afirmam que aquele que, primeiramente, não aprende a subjugar suas vontades não poderá, jamais, extinguir a cólera, a tristeza ou o espírito de fornicção e, tão pouco, guardar uma verdadeira humildade do coração, e nem se unir a seus irmãos em uma sólida concórdia.

CAPÍTULO IX Ó QUÃO IMPORTANTE É PARA OS MAIS JOVENS NADA OCULTAR AO SUPERIOR.

1. É, pois, com estes princípios que, como com algumas letras e sílabas, eles se esforçam por instruir e formar estes que se iniciam na perfeição. Isto lhes permite distinguir claramente a verdade e a humildade falsa e imaginária.

Para poder lá chegar mais facilmente, ensina-se aos iniciantes nada esconder a respeito de seus pensamentos por alguma falsa vergonha que lhes vem ao coração, mas, logo que surgirem, manifestá-los ao superior e, para julgá-los, não confiar em sua própria opinião, mas considerar bons ou maus os que o superior, depois de examiná-los, assim o declarar. Assim deve-se agir para que o inimigo astuto não possa aproveitar-se da inexperiência e ignorância dos mais jovens, e não encontrará meios para aproveitar-se daquele que se apóia tão somente no discernimento dos mais velhos e não no seu próprio, e não poderá persuadir em esconder ao superior as sugestões, quaisquer que sejam elas, que tenha lançado no seu coração como dardos inflamados. O diabo mesmo sutil não poderá brincar ou fazer cair o jovem a não que ele comece, por orgulho ou respeito humano, a esconder seus pensamentos. Os anciãos afirmam que é um sinal universal e evidente de um

pensamento diabólico quando nos perturbamos diante da possibilidade de contar os pensamentos ao superior.⁸²

CAPÍTULO X Ó QUANTO SE DEVE SER OBEDIENTE AO SUPERIOR MESMO NAS NECESSIDADES NATURAIS.

1. [Depois disto, a regra da obediência é guardada com tal fidelidade que os mais jovens não somente não ousam deixar a cela sem que lhes mandem⁸³, mas não presumem nem mesmo satisfazer suas necessidades naturais sem autorização. Cumprem todas as ordens a eles prescritas com prontidão e sem nenhum tipo de reclamação, como se viessem de Deus, a tal ponto que aceitam até mesmo as ordens impossíveis com tal fé e devoção que não medem esforços por executá-las sem nenhuma hesitação do coração; por respeito aos anciãos, eles nem questionam a impossibilidade do ordenado] **RB Prl. 1-2; IV 61; V 1-9. 14-16; VII 31.34.**

Por enquanto deixarei de falar detalhadamente a respeito de sua obediência. Nós nos propomos a falar a respeito dela mais tarde em seu devido lugar, por meio de alguns exemplos, se por vossas preces Deus nos proporcionar a ocasião.⁸⁴ Agora, continuaremos as outras instituições, deixando de citar aqui as que não podem ser ensinadas nestes mosteiros, nem serem postas em prática, como prometemos fazer em nosso pequeno prefácio.⁸⁵ Quanto ao hábito, por exemplo, eles não utilizam os de lã, mas de linho e não tem mais que um. Estando o mesmo sujo o decano providencia outro.

CAPÍTULO XI Ó OS ALIMENTOS QUE SÃO CONSIDERADOS MAIS DELICADOS.

1. Pelo mesmo desejo de austeridade e sublime continência eles consideram como sendo deliciosas certas ervas que lhes são trazidas para a refeição. Tais ervas são temperadas com sal ó as quais chamam de *labsanion*⁸⁶ e cozidas na água e várias outras coisas semelhantes que nesta província não se é possível comer devido ao clima e as enfermidades. Procurarei expor somente o que, anulada a fragilidade da carne ou a situação geográfica, nada possam impedir a austeridade, contanto que nem a pusilanimidade e tão pouco a fraqueza do espírito o façam.

⁸² A necessidade da abertura da consciência será desenvolvida mais abundantemente nas *Conferências*, II. Esta é uma prática essencial para o monaquismo primitivo. Cf. I. HAUSHERR, *Direction spirituelle en Orient autrefois* (Roma 1955), pg. 152-177.

⁸³ ANTÃO, por exemplo, recomenda isto: ãSe possível, o monge deve declarar ao superior o número de passos que deu dentro de sua cela e o número de gotas de água que bebeu, para saber se na cela ele não se enganaõ (*Apophthegmata Patrum*, ANTÃO 38; PG 65, 88 B).

⁸⁴ *Infra* IV, **XXIII-XXXII**.

⁸⁵ *Praef.*, 9; *supra*.

⁸⁶ Um tipo de repolho selvagem. (N. da edição de 1984 da CIMBRA).

CAPÍTULO XII Ó QUANDO, AO OUVIREM BATER À PORTA, DEIXAM IMEDIATAMENTE O QUE ESTÃO FAZENDO.

1. [Estando no interior de suas celas e aplicando igualmente seu zelo ao trabalho e a meditação, assim que ouvem o som do irmão que lhes bate à porta e faz o sinal chamando para a oração ou qualquer outro trabalho, se rivalizam em presteza para deixar suas celas. Aquele que exerce a função de escritor, por exemplo, não ousa terminar de escrever a letra que começou, mas interrompe-a no momento preciso em que chega a seu ouvido o som daquele que bate a porta, não tolerando nem mesmo demorar-se um pouco para terminar o trabalho começado] **RB XL III 1-3.** Deixando inacabado o traço da letra ele troca o lucro que poderá trazer seu trabalho pelo zelo ao cumprimento da obediência.⁸⁷ [Esta obediência eles a preferem não somente ao trabalho manual, a leitura ou ao silêncio e repouso na cela, mas também a todas as virtudes, de tal forma que estimam dever tudo deixar para trás e sentem-se felizes com qualquer perda, contanto que não transgridam a obediência, e que de nenhum modo ela fique prejudicada] **RB Prl. 1-2; IV 61; V 1-9.14-16.**

CAPÍTULO XIII Ó QUANTO É CONSIDERADO CRIMINOSO TER POR SEU O MAIS SIMPLES DOS OBJETOS.

1. Entre suas outras instituições creio ser mesmo supérfluo mencionar esta virtude: que eles não permitem a ninguém possuir uma pequena cesta ou qualquer coisa equivalente que, guardando como propriedade própria, possa marcar como sendo sua. Nós os vimos viver totalmente despojados de tudo com exceção do colóbbium, o manto, as sandálias, a melota e o *psiathion*.⁸⁸ [Em outros mosteiros aonde também se aceita um pouco mais de relaxamento, nós vimos esta regra ser atualmente observada com uma tão grande rigidez que ninguém ousa dizer ó nem mesmo em palavras ó que alguma coisa é sua; e é um grave motivo de reprovação ouvir-se da boca de algum monge tais expressões como òmeu codexö, òminhas taboinhasö, òmeu lápisö, òminha túnicaö, òminhas sandáliasö; e é preciso cumprir uma penitência proporcionada pela ocasião se, por inadvertência ou ignorância, tal palavra escapar] **RB XXXIII 1-6.**

⁸⁷ Os *Apophthegmata Patrum* trazem um exemplo particular correspondendo exatamente a esta prática geral: Marcos, discípulo de Silvano (PG 65, 293 D s).

⁸⁸ S. JERÔNIMO deu uma lista análoga no Prefácio ao *Pachominiana* (4, BOON, pg. 6); cf. *Praecepta*, 81 (BOON, pg. 37). O *psiathion* é a esteira utilizada para dormir; as outras palavras designam as peças da vestimenta descritas no Livro I.

CAPÍTULO XIV Ó PORQUE, MESMO SENDO LÍCITO OBTER GRANDE LUCRO COM O TRABALHO DE CADA UM, NINGUÉM DEVE PRESUMIR EXCEDER ESTE VALOR EM GANHO PRÓPRIO.

1. [E mesmo que cada um notifique cotidianamente ao mosteiro, pelo seu trabalho e por seu suor, os rendimentos suficientes não somente para assegurar suas necessidades pessoais, mas ainda para satisfazer abundantemente às necessidades de várias pessoas, não se glorie e não tire vantagem para si do benefício de seu penoso trabalho] **RB LVII**. Salvo dois pequenos pães que por lá valem somente três denários, ninguém deve retirar nada a mais para si mesmo.⁸⁹ Entre eles, ninguém ó envergonho-me em dizer que, quanto a este costume, nós preferiríamos ignorá-lo em nossos mosteiros ó tem a menor preferência por um trabalho particular, não o digo efetivamente, mas nem mesmo em pensamento. [Creem que toda a reserva do mosteiro é seu bem próprio e que, como proprietários de tudo, cuidam com extrema solicitude destes bens] **RB XXXII 4-5**; entretanto, a fim de conservar esta virtude de despojamento que abraçaram e que se esforçam em guardar até o fim com perfeição e de forma inviolada, eles consideram-se a si mesmos totalmente alheios e estranhos a tudo. Comportam-se como peregrinos e estrangeiros neste mundo e preferem se considerar como alguém que vive à custa do mosteiro e funcionário do mesmo a presumir-se mestre do que quer que seja.

CAPÍTULO XV Ó SOBRE O DESEJO IMODERADO DE POSSUIR.

1. Sobre isto, o que dizer, miseráveis que somos? [Permanecemos nos mosteiros e sob a vigilante solicitude de um abade] **RB I 1**, mas trazemos conosco nossas chaves pessoais. E, até mesmo, calcamos aos pés o pudor e o respeito por nossa profissão, e não nos envergonhamos de trazer no dedo o anel de nossa chancela⁹⁰ que guardamos para marcar com nosso sinal as coisas. Não somente para marcar nossos cestos, pois, nem nossos armários são suficientes para esconder as coisas que acumulamos ou as que, ao deixarmos o mundo, colocamos de lado. Algumas vezes, nos apaixonamos de tal maneira por alguns objetos sem valor que, os reclamamos como sendo nossa propriedade caso alguém tenha a coragem de tocá-los mesmo que somente com a ponta dos dedos. Nestas ocasiões somos tomados por uma tão grande cólera contra tal pessoa que nem podemos impedir a agitação de nosso coração de se exalar em palavras e em gestos de indignidade.

⁸⁹ Estas duas *paxamatia* são consideradas como a medida ideal da alimentação cotidiana (cf. *Conferências*, XII, XV, 2). Os dois pães pesam não mais que uma libra (cf. *Conferências*, II, XIX).

⁹⁰ Os antigos utilizavam anéis como sinetes, não só para lacrar as cartas, mas também para marcar os objetos que lhes pertenciam. (N. edição CIMBRA 1984).

2. Mas, silenciemos a respeito de nossos vícios e o que é indigno mesmo de nomear conforme nos ensina esta palavra: *Que minha boca não proclame a obra dos homens* (Sl 15, 4). Continuemos a expor sobre a virtude dos anciãos e as práticas às quais nós devemos tender com todas as nossas forças. Queremos agora expor rapidamente seus regulamentos diversos, a fim de chegar ainda a algumas de suas obras as quais desejamos vivamente trazer a lembrança. Nossa exposição didática poderá ser confirmada por testemunhos irrefutáveis. Pois, preferimos sustentar tudo o que nós dissemos sobre seus exemplos e a autoridade de suas vias.

CAPÍTULO XVI Ó A REGRA PARA AS DIVERSAS CORREÇÕES.

1. [Se alguém quebra por acaso um vaso de barro ó que eles chamam *baucalis* ó terá sua falta perdoada por uma penitência pública] RB XLVI 1-4. Na reunião geral dos irmãos para a *synaxe*, ele implorará seu perdão prostrando-se por terra durante todo o tempo do ofício, até o abade considerar ser oportuno mandá-lo levantar-se] RB XXIV 4.⁹¹ Dará satisfação da mesma maneira aquele que chamado para algum trabalho ou para a reunião ordinária, atrasar-se; ou se, [ao cantar o salmo, se enganar, mesmo que ligeiramente] RB XLV 1. 2. O mesmo para as faltas seguintes: responder inutilmente ou com rispidez, ou com obstinação; cumprir com negligência o que lhe foi imposto por obediência; murmurar, mesmo ligeiramente; executar os ofícios fixados de maneira muito preguiçosa, preferindo a leitura ao trabalho ou à obediência; [após o encerramento da *synaxe* não se apressar a retornar à cela] RB XLII 8; [permanecer ou se retirar com alguém mesmo que por um rápido instante; segurar a mão de outro; conversar com alguém que não more na mesma cela, mesmo poucas palavras] RB XLVIII 21; [rezar com aquele que está impedido de rezar] RB XXVI 1; XXV 2⁹², ver ou conversar com um parente ou amigo do século⁹³ [sem o consentimento do ancião, receber carta ou respondê-la sem o consentimento do abade] RB LIV 1. Por estas faltas e outras do mesmo gênero, contenta-se com uma punição espiritual.

3. Eles não agem da mesma forma em relação a outras faltas que entre nós não são tratadas de forma diferente, e que também somos culpados por tolerar. Tais são: as injúrias públicas, as manifestações de menosprezo e indiferença, as contradições violentas, um comportamento livre e sem controle, a familiaridade com as mulheres, as cóleras, as rixas, os ressentimentos e as querelas, a escolha de um trabalho particular, a avareza, [a posse de coisas supérfluas que os outros irmãos não possuem] RB XXXIII 1.3-5, [comer fora do horário e às escondidas] RB XLIII 18, etc. [As faltas deste

⁹¹ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 125: *qui vas fictile fregerit... aget paenitentiam vespere in sex orationibus* (BOON, pg. 46).

⁹² Comparar supra II, XV, 2 segs.

⁹³ Que não é religioso (N.T.).

gênero não são corrigidas pela reprimenda espiritual que falamos acima mas por castigo corporal ou expulsão] **RB XXVIII 1.6.** ⁹⁴

CAPÍTULO XVII Ó QUEM INTRODUZIU AS SANTAS LEITURAS DURANTE AS REFEIÇÕES E DO SILÊNCIO OBSERVADO PELOS EGÍPCIOS.

1. Quanto às leituras espirituais que são feitas durante a refeição da comunidade, sabemos que elas não vêm da regra dos egípcios, mas dos capadócijs.⁹⁵ O objetivo não era tanto para a formação espiritual quanto para impedir as conversas inúteis, e mais ainda as disputas que tinham lugar durante as refeições. Optaram por assim agir visto não poderem de outra forma impedir a desordem. Tanto que, entre os egípcios e, sobretudo, entre os de Tebaida, [guarda-se um tal silêncio que, ainda que sejam muito numerosos e estando todos sentados juntos à mesa, ninguém ousa conversar, nem mesmo com voz baixa, salvo o que está à frente de sua decania, e mesmo que perceba ser necessário juntar ou retirar alguma coisa de sobre a mesa, ele o faz saber por um sinal e não por palavras] **RB XXXVIII 5-7.** ⁹⁶

E mesmo quando se alimentam, a regra do silêncio é guardada com tanto cuidado que mantém os capuzes abaixados sobre os olhos para impedir o olhar de errar pela curiosidade,⁹⁷ não olham outra coisa que a mesa e o que está sobre ela e o que pegam. Ninguém tem conhecimento do que fazem os outros ou do quanto come seu vizinho.⁹⁸

CAPÍTULO XVIII Ó COMO É ILÍCITO COMER FORA DO HORÁRIO DA REFEIÇÃO COMUM.

1. [Antes e depois das refeições regulares tomadas em comum, vela-se com grande atenção para que, tendo saído da mesa, ninguém ouse comer alguma coisa] **RB XLIII 18.** ⁹⁹ Assim, quando caminham pelo jardim ou pela horta, veem as frutas que pendem das árvores, a tentação está à altura das mãos para os que passam, tem-se o risco de pegar até mesmo as que caem ao chão. Fáceis de serem apanhadas poderiam tentar os que as veem; tal oportunidade é abundante, provocando o desejo até dos mais austeros e dos mais abstêmios. Entretanto, estima-se como sendo um sacrilégio

⁹⁴ Comparar este ôpenitencial monástico com o de PACÔMIO no qual CASSIANO se inspira aqui (*Parecepta atque Judicia*, BOON, pg. 63-70).

⁹⁵ Cf. BASÍLIO, *Regulae brevius iractatae*, 180 (PG 31, 1204 A).

⁹⁶ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 33: *Si aliquid necessarium fuerit in mensa, nemo audebit loqui; sed ministrantivus signaum sonitu dabit* (BOON, pg. 21).

⁹⁷ Cf. supra, I, III e a nota.

⁹⁸ Mesma prescrição da õregra angélicaõ concernente à postura na mesa: cf. *H. L.* 32 (BUTLER, pg. 91-92), e *Vita tertia*, 32 (HALKIN, pg. 276).

⁹⁹ Cf. PACÔMIO, *Praecepta*, 78: *Nullus in cellula sua reponat aliquid ad vescendum, absque his quae dispensatore acceperit* (BOON, pg. 36).

não somente degustar qualquer uma dessas frutas como o segurá-las com as mãos, salvo se são servidas na refeição em comum ou sob ordem do ecônomo, publicamente oferecidas para serem comidas pelos irmãos.¹⁰⁰

CAPÍTULO XIX Ó DA MANEIRA COMO NA PALESTINA E TAMBÉM NA MESOPOTÂMIA OS IRMÃOS COTIDIANAMENTE APRESENTAM DEFERÊNCIA.

1. Por não parecer ter omitido qualquer coisa a respeito das instituições das comunidades eu penso que convém relembrar brevemente como, também nas outras regiões, são cumpridos os trabalhos cotidianos. Pois, sobretudo na Mesopotâmia, na Palestina, na Capadócia e em todo o Oriente, a cada semana na troca das funções os irmãos se sucedem num rodízio. O número dos ministros é fixado a propósito da comunidade. Eles se apressam em cumprir suas funções com o máximo de devoção e humildade como um escravo serve a um senhor severo. E não contentes com este único trabalho que a regra lhes impõe eles se levantam durante a noite para aliviar os irmãos, antecipando em segredo o trabalho que estes teriam que realizar durante o dia seguinte.

2. Cada um cumpre os trabalhos semanais até o jantar de domingo. Depois de terminada a refeição, o serviço de toda a semana é finalizado da seguinte maneira: quando os irmãos se reúnem para a salmodia que eles estão acostumados a cantar antes de se deitarem,¹⁰¹ [os que vão ser substituídos lavam os pés de todos] RB XXXV 9, [suplicando na fé ó como salário de benção pelas penas de toda a semana no cumprimento do mandamento de Cristo ó a oração de todos os irmãos] RB XXXV 15 em intercessão por suas ignorâncias e pelos pecados cometidos por fragilidade, e oferecem a Deus, como um ôsacrifício abundante, os serviços que renderam com devoção. 3. [E na segunda-feira,¹⁰² depois dos hinos da manhã eles entregam a seus substitutos os diversos utensílios utilizados para o trabalho] RB XXXV 10-11. Estes os recebem com grande cuidado para que não sejam danificados. [Mesmo o mais simples destes objetos eles o consideram sagrado, e sabem que deverão prestar contas dos mesmos não somente ao ecônomo presente, mas também ao Senhor caso algum destes se estrague por negligência] RB XXXI 10-11; XXXII 4-5.¹⁰³

A respeito desta maneira de agir e da forma como é minuciosamente observado proponho um único testemunho, a título de exemplo, que será suficiente para instruir-lhes. Pois, mesmo que nos esforcemos em satisfazer vosso ardente desejo de nos ver repetir neste livro o que vocês já

¹⁰⁰ Comparar PACÔMIO, *Praecepta*, 73, 76 e 77 (BOON, pg. 35): quando os irmãos colhem as frutas eles não podem comer-las no mesmo local onde o encarregado as distribui.

¹⁰¹ Cf. supra, III, IV, 3 e a nota.

¹⁰² *Secunda sabbati*, ou seja, a segunda-feira (cf. supra, III, IX, 1 e a nota).

¹⁰³ Comparar com BASÍLIO, *Regula monachorum*, 103-104 (PL 103, 526 D ó 527 A).

sabem perfeitamente, a fim de ter um conhecimento integral de suas instituições, temo ultrapassar a medida da concisão.

CAPÍTULO XX ó SOBRE OS TRÊS GRÃOS DE LENTILHAS ENCONTRADOS PELO ECÔNOMO.

1. Durante os trabalhos de um irmão, o ecônomo de passagem vê três grãos de lentilha caídos ao chão. Em sua pressa por preparar a comida, tal irmão as havia deixado cair de entre seus dedos quando jogava água sobre elas para as lavarem. O ecônomo refere o fato ao abade, e este declara tal irmão afastado da oração como culpado por esbanjar uma propriedade sagrada. E sua falta não se faz espiar senão por uma penitência pública.

[Eles acreditam que não somente não pertencem a si mesmos, mas que tudo que possuem está consagrado ao Senhor. Por esta razão, consideram que um objeto, uma vez trazido ao mosteiro deve ser tratado com grande respeito, como uma coisa consagrada] **RB XXXI 10; XXXII 4-5**. E tomam tal cuidado com tudo e os regulam com tanta fé que crêem firmemente receber do Senhor sua recompensa se, por exemplo, eles colocarem em um outro lugar melhor adaptado mesmo um objeto que consideram como sendo insignificante e sem valor, ou se enchem uma concha de água e a oferece a alguém, ou se retiram um feixe de palha do oratório ou da cela.

CAPÍTULO XXI ó A SOLICITUDE PARA COM OS IRMÃOS.

1. Certa vez, alguns irmãos que conhecemos e que se encontravam como semanários, vindo faltar lenha não tinham mais possibilidade de preparar a refeição para a comunidade. Antes que a lenha que haviam comprado pudesse chegar, o abade decidiu de sua própria autoridade que se contentariam com alimentos secos.¹⁰⁴ Todos concordaram e ninguém esperava mais por alimentos cozidos. Mas estes irmãos que conhecemos, como se lhes tivesse sido tirado o fruto de suas penas e de seus serviços de preparação da refeição habitual da comunidade, impuseram sobre si mesmos um árduo trabalho: em certos lugares áridos e estéreis onde não se pode encontrar madeira a não ser cortando árvores frutíferas ó pois não possuem florestas como nós ó percorreram grandes extensões impraticáveis e enfrentaram o deserto que existe na direção do Mar Morto. Recolheram os pequenos galhos e espinhos que o vento espalha aqui e ali. Assim, graças a este seu serviço voluntário, eles prepararam a refeição segundo o costume habitual, sem que ninguém passasse necessidade. Assim agiram com tanta fé que não pensaram em aproveitar da falta de madeira e da ordem do abade para legitimamente se escusarem do trabalho.

¹⁰⁴ Refere-se a alimentos que são desidratados para poderem ser melhor conservados.

CAPÍTULO XXII Ó A RESPEITO DO AGIR DOS EGÍPCIOS QUANTO ÀS FUNÇÕES DO SERVIÇO DA SEMANA.

1. O que aqui foi dito, como nós anunciamos no começo, diz respeito à norma do Oriente no seu conjunto; norma que, em nossa região também afirmamos ser absolutamente necessário se guardar. Entretanto, entre os egípcios, onde há uma preocupação toda especial em relação ao trabalho, eles não fazem a permuta dos semanários, a fim de não atrapalhar com isto o trabalho regular de todos os irmãos. [Os cuidados do celeiro e da cozinha ficam confiados a um irmão experimentado que exerce com dedicação este trabalho] **RB xxx 1** por tanto tempo quanto suas forças ou sua idade o permitirem. Na verdade eles não se cansam por uma excessiva fadiga corporal, pois não se exige destes servidores cuidados excessivos no preparo na refeição e, ao cozinheiro, é-lhe permitido utilizar alimentos secos e crus. Talos de alho-poró, podados uma vez por mês, ervas, sal frito ¹⁰⁵, azeitonas, peixe em salmoura ó ao qual chamam de *maenomenia* ó eis, para eles, um grande banquete.

CAPÍTULO XXIII Ó OBEDIÊNCIA DO ABADE JOÃO QUE LHE MERECEU A GRAÇA DA PROFECIA.

1. Como este livro trata da instituição daqueles que renunciam a este mundo, graças a qual, introduzida a humildade verdadeira e uma perfeita obediência, poderão alcançar a perfeição de todas as virtudes, estimo ser necessário desenvolver, a título de exemplo, como prometemos, certas atitudes dos anciãos, que se singularizam por sua virtude. Nós escolhemos alguns exemplos entre muitos para satisfazer aqueles que procuram de todo coração o melhor para serem incentivados na vida perfeita e progredirem também em seus propósitos. Para não nos estendermos demais neste livro não falaremos mais que de dois ou três destes grandes Pais.

Eis, primeiramente, o abade João. ¹⁰⁶ Ele vivia perto de Lico, na Tebaida, e foi elevado a graça da profecia devido a sua obediência. Ele brilha no mundo inteiro e seus méritos são

¹⁰⁵ *Sal frictum*: seguimos a tradução timidamente proposta por A. BLAISE, *Dictionnaire latin-français des auteurs chrétiens*. Esta expressão se encontra ainda em *Conferências*, VIII, I, 2.

¹⁰⁶ JOÃO o viajante, recluso em Licópolis (hoje Assiout), é uma figura bastante célebre do monaquismo egípcio no IV séc. (cf. RUFINO, *H.E.*, II, 19, 32; ZÓZIMO, *H.E.*, VII, 22; TEODORETO, *H.E.*, V, 24...). Dois importantes fatos são a ele consagrados (*Historia monachorum*, ch. 1, e *História Lausiaca*, cap. 35). Segundo o primeiro, ele nasceu em torno de 305 e morreu por volta de 395 depois de quarenta anos de reclusão. Segundo PALÁDIO, depois de ter exercido o trabalho de carpinteiro, ele se fez monge aos vinte e cinco anos e durante cinco anos viveu em diversos mosteiros antes de se retirar a Licópolis onde virá a morrer depois de quarenta e oito anos de reclusão, por volta de 395. O dom de profecia que ele recebe depois de trinta anos de reclusão (BUTLER, pg. 100, 15) valeu-lhe uma popularidade que se estende até o coração do império: o imperador Teodósio lhe consulta antes de empreender sua expedição contra Máximo (cf., por

reconhecidos mesmo pelos reis deste mundo. Assim, vivendo este, como dissemos, nos territórios próximos à Tebaida, o imperador Teodósio não ousava guerrear contra os tiranos antes de ser encorajado pelos oráculos deste ancião e de suas respostas. Confiando neles como vindos do céu, ele obtinha a vitória sobre os inimigos em guerras desesperadas.

CAPÍTULO XXIV Ó DO LENHO SECO QUE, POR ORDEM DE SEU SUPERIOR, NÃO DEIXOU DE REGAR.

1. Este bem aventurado João, desde sua adolescência até a maturidade da idade viril, esteve a serviço de um ancião e cuidou de satisfazer suas necessidades com uma tão grande humildade que sua obediência causou neste uma grande estupefação. Este, por sua vez, quis saber com mais clareza se a obediência de seu discípulo provinha de uma fé verdadeira e de uma profunda simplicidade de coração, ou se era fingida e, por assim dizer, interessada somente em agradar aquele que dava as ordens. Ele lhe ordenava, então, freqüentemente, coisas supérfluas e inúteis, mesmo impossíveis. 2. Eu exporei três exemplos aos que desejam conhecer a retidão de seu espírito e a lealdade de sua submissão.

Certa vez, o ancião retirou de sua fogueira um pedaço de madeira cortado já há muito tempo e reservada para o fogo em ocasião do preparo da refeição e que se encontrava não somente seco como também quase apodrecido. Este o enfiou na terra e ordenou a seu discípulo trazer água e regá-lo duas vezes ao dia, para que a umidade pudesse fazê-lo brotar novamente em frondosa árvore e suas ramagens pudessem, então, oferecer prazer ao olhar e sombra para os que desejassem refrescar-se do calor da tarde. 3. [Acolhendo esta ordem com seu respeito costumeiro e sem levar em conta a sua impossibilidade, o jovem a cumpriu diariamente] RB LXVIII 1. Ele trazia água sem interrupção por uma distância de mais de dois quilômetros, e não deixava de regar o galho, com tanta presteza que durante vários anos, nem a fadiga do corpo, nem celebração de uma festa, nem nenhuma ocupação urgente podiam legitimamente desculpá-lo de fazê-lo, nem mesmo o rigor do inverno era-lhe empecilho para o cumprimento da ordem do ancião. 4. Em segredo e sem nada dizer o ancião examinava a cada dia a assiduidade de seu discípulo e viu-o observar a ordem dada com toda a simplicidade do coração como vinda de Deus e sem deixar transparecer a menor contrariedade. Assim se convenceu de sua humildade e sincera obediência e, compadecido do longo trabalho que ele executara durante todo o ano com grande fervor, se aproximou do pedaço de madeira seco e disse: òOh João, esta árvore pegou afinal?ö E, como o outro dissesse ignorar, o

exemplo, AGOSTINHO, *De civitate Dei*, V, 26). CASSIANO fala a respeito dele em dois outros lugares: *Conferências*, I, XXI, 1 (retomando *Hist. mon.* I, 61) e XXIV, XXVI, 16-17.

ancião fingindo desejar confirmar se o galho realmente se enraizara arrancou-o com um ligeiro puxão e o arremessou longe; em seguida ordenou-lhe parar de regá-lo.¹⁰⁷

CAPÍTULO XXV ó SOBRE O ÚNICO VASO DE AZEITE ARREMESSADO FORA POR JOÃO POR ORDEM DE SEU SUPERIOR.

1. Educado por exercícios deste gênero, o jovem homem crescia a cada dia na virtude da submissão, brilhava pela graça de sua humildade e o suave odor de sua obediência se espalhava em todos os mosteiros. Então, os irmãos a par do que se dizia de sua submissão vieram até o ancião para confirmar-lo, ou melhor, para se edificarem. Este o chamou e lhe disse: sobe, toma o vaso de azeite e lança-o pela janela. Eis que era o único ôlicorö servido no deserto para os monges e seus hóspedes. [Ele, subindo rapidamente, lançou o vaso pela janela para ser esmagado por terra, sem questionar o quão absurda havia sido tal ordem, nem levar em conta suas conseqüências: a necessidade de cada dia, a doença, a falta de dinheiro para repô-lo, a completa penúria do deserto árido ou, mesmo se se dispunha de dinheiro. Seria, portanto, impossível compensar o líquido perdido] RB V 14-15; LXVIII 1.

CAPÍTULO XXVI ó DE COMO JOÃO OBEDECEU A SEU SUPERIOR MOVENDO UMA PEDRA QUE NINGUÉM TERIA CONSEGUIDO MOVER.

1. Em outra ocasião os irmãos queriam edificar-se com o exemplo de sua obediência. O ancião o chamou e lhe disse: ôJoão, mova aquela pedra o mais rápido possívelö. Ora, era uma rocha enorme a qual um grande número de homens não poderia mover. Mas ele, imediatamente, ora apoiando-a na nuca ora com todo o corpo, esforçou-se por fazê-la rolar, multiplicando os esforços de tal maneira que o suor tomou conta de todos os seus membros impregnando não somente suas vestes, mas também a rocha ao contado com seus ombros. [Mais uma vez ele não levou em consideração a impossibilidade de cumprir o que lhe fora ordenado, mas agiu por respeito para com o ancião e em total simplicidade de zelo que lhe fazia crer com toda a fé que o ancião nada podia lhe ordenar em vão e sem razão] RB LXVIII 1.

¹⁰⁷ Segundo WEBER (pg. 111-113), CASSIANO realizou aqui uma õreduçãoö do famoso milagre da obediência, porque os *mirabilia* são mais próprios do deserto que da vida cenobítica que propôs instituir na Provença. Mais provavelmente, CASSIANO reporta aqui segundo seu teor autêntico este episódio retomado ainda e modificado pela literatura ascética posterior. Cf. *Apophithegmata Patrum, João Colobo 1* (PG 65, 204 C), onde o protagonista não é mais João de Licópolis, mas João Colobo de Cétia, e onde é acrescentado o milagre do bastão pego pela raiz e trazido com frutos. Este fato é ainda enfeitado, ao fim do VII século, no Panegírico copta de João Colobo por Zacarias o escolástico (cf. E. AMELINEAU, *õHistória dos mosteiros do Baixo-Egitoö*, em *Annales du Musée Guimet*, t. XXV, Paris 1894, pg. 347-348).

CAPÍTULO XXVII Ó SOBRE A HUMILDADE E OBEDIÊNCIA DE PAI PATERNÚNCIO QUE,
NÃO EXITOU EM CUMPRIR AS ORDENS DE SEU SUPERIOR
LANÇANDO NA ÁGUA SEU FILHO.

1. Estes episódios que eu escolhi sobre o pai João são suficientes. Agora narrarei uma atitude memorável do pai Paternúncio.¹⁰⁸ [Este, querendo renunciar ao mundo, permanece à entrada do mosteiro na esperança de que lhe permitissem, por insistente perseverança, ser recebido ali] **RB LVIII 1-4** contrariando todos os costumes dos mosteiros, pois trazia consigo seu filho, uma criança tendo apenas oito anos. Quando, enfim, eles foram admitidos, não somente os confiaram a mestres diferentes como os colocaram em celas separadas. Acreditavam que a constante visão do filho lembraria ao pai todas as riquezas e afeições carnis que este havia deixado de lado em sua renúncia, pensando ainda restar-lhe ao menos seu filho. Da mesma maneira que doravante deveria saber-se não mais possuidor de riquezas; deveria saber-se, também, não mais possuidor da paternidade.

2. Para provar completamente se ele ainda fazia mais caso da afeição de sangue e da natureza que da obediência e da mortificação do Cristo, que cada um dos que renunciavam devem preferir por amor a Cristo, a criança era intencionalmente negligenciada, coberta de trapos, e se encontrava suja a tal ponto que não podia ser reconhecida nem pelo seu próprio pai quando este a via. Ela sofria pancadas e bofetadas. O pai via a pobre criança suportar tais sofrimentos sob seus próprios olhos, sem motivo algum, a tal ponto que este não a encontrava sem que ela estivesse sempre com o rosto coberto de lágrimas. 3. E, a cada dia, a criança era assim tratada sob seus olhos; contudo, por amor de Cristo e pela força da obediência, o coração deste pai permanecia sempre fechado e inabalável. Ele não mais reivindicava como sendo seu filho aquela criança que havia ofertado a Cristo ao mesmo tempo em que a si mesmo, e não se preocupava quanto às injustiças que sofria, e se regozijava, pois via que elas não eram jamais suportadas sem proveito; e não se importava, também, com suas lágrimas, preocupando-se somente com sua própria humildade e perfeição.

O superior do mosteiro, considerando a firmeza e o inquebrantável rigor de seu espírito, quis provar até o limite a constância de sua alma. Certo dia, vendo que a criança chorava, fingiu se encolerizar com ela e ordenou a seu pai pegá-la e jogá-la no rio. 4. [Então ele, como se tivesse recebido a ordem do próprio Senhor, tomou imediatamente a criança em seus braços e correu até as margens do rio para ali lançá-la] **RB V 14-15**. E, no fervor de sua fé e de sua obediência, ele certamente

¹⁰⁸ Este pai Paternúncio deve ser distinguido de Paternunthios de *H. M. A.*, X, 3-24.

teria realizado isto se os irmãos enviados as pressas à margem do rio não lhe tivessem arrancado a criança dos braços, impedindo-o de cumprir a ordem dada pelo ancião, a qual o pai já havia satisfeito por sua devoção.¹⁰⁹

CAPÍTULO XXVIII Ó COMO FOI REVELADO QUE PATERNÚNCIO HAVIA SIDO IMITADOR DE ABRAÃO E COMO ELE SUCEDEU AO ABADE NO GOVERNO DO MOSTEIRO.

1. Sua fé e devoção agradaram de tal maneira a Deus que foram aprovadas por um testemunho divino. O superior teve a revelação que, por esta obediência, Paternúncio realizou a mesma obra do patriarca Abraão. E, como pouco tempo depois o superior deste mosteiro passou deste mundo para Cristo, colocou-o à frente de todos os seus irmãos, como seu sucessor e abade.

CAPÍTULO XXIX Ó SOBRE A OBEDIÊNCIA DO IRMÃO QUE, POR ORDEM, EXPÔS E VENDEU DEZ CESTOS.

1. Não nos calaremos mais a respeito de um irmão que conhecemos. Pertencia a uma grande família na ordem deste mundo e graças as posses de seu rico pai recebeu uma boa instrução nas artes liberais. Como abandonou seus familiares e correu ao mosteiro, o superior para provar a humildade de seu espírito e o ardor de sua fé lhe ordenou ir a praça pública para vender, no varejo, carregando sobre seus ombros, dez cestos que não precisavam ser colocados à venda. E com a intenção de mantê-lo o maior tempo possível neste trabalho, acrescentou que ele não os deveria vender todos de uma só vez, mas um de cada vez. Este irmão cumpriu a ordem com grande devoção, e calçou aos pés, em nome de Cristo, todo o respeito humano. Tomou os cestos sobre seus ombros, vendeu-os pelo preço fixado e trouxe o dinheiro ao mosteiro. [Não se assustou quanto à novidade de um trabalho tão vil e inusitado, nem se deu conta da indignidade da coisa, da nobreza de suas origens e o aborrecimento desta venda. Desejava somente obter, pela graça da obediência, esta humildade do Cristo, que é a verdadeira nobreza] RB LXVIII 1.

CAPÍTULO XXX Ó A HUMILDADE DO ABADE PIFINÚNCIO QUE, DE SACERDOTE E ABADE DE CÉLEBRE MOSTEIRO, SE TORNOU HUMILDE E DESCONHECIDO NOVIÇO.

¹⁰⁹ Este episódio, segundo uma tradição diferente, corresponde a um quadro de vida anacorética (cf. WEBER, pg. 38-40), na coleção dos apoftegmas: *Alphabéticon*, Sisoés 10 (PG 65, 393), e *Systématique*, XIV, 8 (PL 73, 949 D).

1. O tamanho do livro nos obriga a terminar sem tardar. Mas, pelo bem da obediência que entre todas as outras virtudes tem o primeiro lugar, não sofre mais que nossas paixões completamente em silêncio à maneira dos que por ela foram ilustres; eis porque, equilibrando estas duas exigências, ou seja, satisfazendo tanto a brevidade quanto o desejo e o proveito dos monges dedicados, nós exporemos ainda um só exemplo de humildade, realizada não por um iniciante, mas por um homem perfeito e abade. Sua leitura poderá conduzir a uma perfeita humildade não somente aos jovens, mas também aos anciãos.¹¹⁰

2. Nós conhecemos abba Pifinúncio, ele era padre em um grande mosteiro no Egito, não muito longe da cidade de Panéfisis. Sua vida, sua idade e seu sacerdócio lhe valeram a estima de todos. Percebeu, então, que devido a isto não seria capaz de viver da forma humilde que buscava ardentemente, e que não lhe seria possível progredir na virtude de submissão que aspirava. Assim, fugiu secretamente do mosteiro, retirando-se só para as regiões mais reclusas da Tebaida. Lá trocou seu hábito monástico por uma roupa secular e dirige-se para o mosteiro dos tebainenses, que era reconhecido como mais austero do que todos os outros e onde acreditava poder permanecer totalmente incógnito devido ao isolamento desta região, pelo tamanho do mosteiro e pelo número de irmãos.

3. [Permaneceu por um longo tempo diante da entrada do mosteiro, ajoelhado aos pés dos irmãos, suplicando que lhe admittissem] **RB LVIII 1-4**. Foi finalmente aceito, apesar da repugnância que lhes causava, pois já sendo um velho inútil e quase ao termo de sua vida, pediu para entrar no mosteiro quando já nem teria mais forças para satisfazer suas paixões. Acreditavam, também, que só procurara o mosteiro para saciar sua fome e devido ao desamparo e não tanto por objetivos religiosos. Confiaram-lhe, pois, o cuidado do jardim, trabalho para um homem já idoso e inapto para todos os outros trabalhos.

4. Exercendo este trabalho sob a direção de um outro irmão bem mais jovem a quem fora confiado ele era totalmente submisso e cultivava a virtude desejada da humildade com uma tão grande obediência que cumpria a jornada de trabalho com uma perfeita assiduidade, e não somente os trabalhos referentes ao jardim, mas também os demais trabalhos que, para todos os irmãos, eram considerados duros e humilhantes, e que todos tinham horror em cumprir. Ele os realizava até mesmo durante a noite, levantando-se furtivamente para que ninguém testemunhasse, tendo a escuridão como esconderijo e ninguém descobria quem havia sido o autor de tais trabalhos.

Assim permaneceu anônimo durante três anos. Mas como alguns irmãos se dispersassem por todo o Egito à sua procura; finalmente, ele foi visto por um dos que vinham do Egito. Mas não foi

¹¹⁰ A narrativa que diz respeito ao abade Pifinúncio é reproduzida quase literalmente por CASSIANO, *Conferências*, XX, I, 2-5.

com pouca dificuldade que este pôde reconhecer no jardineiro maltrapilho seu antigo abade. **5.** Pois, agachado ao chão ele revolia a terra sob os legumes e carregando esterco o colocava na suas raízes. Vendo isto, o irmão ficou durante um longo tempo hesitante até reconhecê-lo; enfim se aproximou bem perto e examinou atentamente sua fisionomia, e também o som de sua voz. Então, ele se atirou a seus pés, causando admiração a todos os espectadores que se perguntavam qual a razão para ele agir daquela maneira diante de um homem que, ainda noviço, deixara recentemente o mundo, sendo considerado por eles como o último. Mas depois foram todos tomados de um grande assombro, quando escutaram seu verdadeiro nome que, também entre estes, era grandemente conhecido. **6.** Todos os irmãos lhe pediram perdão por sua ignorância passada e por o terem, feito durante tanto tempo, tomar lugar entre os jovens e as crianças. Ele sentiu-se contrariado e, todo desfeito em lágrimas, considerou ter sido desmascarado pela inveja do diabo da humilhação que escolhera por viver e que de fato merecia, alegrando-se por ter enfim encontrado-a, depois de procurar por tanto tempo e por considerar meritório terminar sua vida em tal submissão que ele conquistara ali. Seus confrades o levaram novamente a seu próprio mosteiro, guardando-o com cuidado para que ele não lhes escapasse novamente.

CAPÍTULO XXXI Ó DE COMO PIFINÚNCIO, DEPOIS DE RECONDUZIDO AO SEU MOSTEIRO, ACABOU POR FUGIR NOVAMENTE E SE DIRIGIR PARA A REGIÃO DA SÍRIA E PALESTINA.

1. Lá ele permanece algum tempo. Mas, novamente inflamado do mesmo desejo ardente de humildade, aproveita do silêncio da noite para escapar a fim de alcançar uma província vizinha, mas desconhecida, estranha e longínqua. Ele embarca num navio rumo a Palestina. Pensava ser possível viver incógnito num lugar onde seu nome não fosse conhecido.

Ao chegar lá ele alcança nosso mosteiro que não ficava longe da gruta onde Nosso Senhor nasceu da Virgem.¹¹¹ Neste mosteiro permaneceu por muito pouco tempo; ele não pode, segundo a palavra do Senhor, permanecer escondido por muito tempo, ãcomo uma cidade colocada sobre uma elevação. Sem tardar, alguns irmãos que vinham do Egito pararam nos lugares santos para rezar e o reconheceram e levaram-no de volta ao seu mosteiro com fortes súplicas.

CAPÍTULO XXXII Ó RECOMENDAÇÕES DO ABADE PIFINÚNCIO A UM IRMÃO QUE, EM MINHA PRESENÇA, ACOLHEU EM SEU MOSTEIRO.

¹¹¹ Cf. *supra*, III, IV, 1; e *Conferências*, XX, I, 5.

1. Em razão da confiança que nós lhe rendemos devido ao tempo que esteve em nosso mosteiro, nós o procuramos com muito interesse quando estivemos no Egito. Eu me proponho inserir neste opúsculo a exortação que ele fez a um irmão que, em nossa presença, recebeu em seu mosteiro, pois creio que a algo a nos ensinar.¹¹²

Você sabe quantos dias permaneceu prostrado diante da porta do mosteiro, antes de ser admitido no dia de hoje. Antes de todas as coisas, é preciso que você aprenda o significado desta provação¹¹³, pois se você vem ao serviço do Cristo apreciando e conformando-se como Ele da mesma maneira que Ele se deu, isto irá te ajudar muito a progredir na vida na qual desejaste se engajar.

CAPÍTULO XXXIII Ó SE O MONGE SE ESFORÇAR PARA VIVER EM CONFORMIDADE COM
OS ENSINAMENTOS DOS PAIS, RECEBERÁ COMO RECOMPENSA DE
SEUS TRABALHOS UM GRANDE PRÊMIO. JÁ O COVARDE RECEBERÁ
SEVERO CASTIGO. SENDO ASSIM NÃO SE DEVE ADMITIR COM MUITA
FACILIDADE OS CANDIDATOS À VIDA MONÁSTICA.

1. Se Deus promete uma glória infinita àqueles que lhe servem fielmente e que se conformam intimamente com Ele nesta regra de vida; grandes penas, ao contrário, reserva aos que vivem como tíbios e covardes, negligentes em produzir frutos de santidade em conformidade com a profissão religiosa que abraçaram e a estima que os homens lhes concederam.

Eis a palavra da Escritura: òé melhor não fazer um voto do que fazer e não cumpri-loö (Ecl 5, 4) e òmaldito seja aquele que realiza a obra do Senhor com negligênciaö (Jr 48, 10). [Eis a razão pela qual nós te rejeitamos por tanto tempo] RB LVIII 1. Não é por não desejarmos a sua salvação, nem por não almejarmos ir adiante daqueles que desejam se converter a Cristo. [Mas nós tememos, em receber-te sem hesitação, e em razão disto nos tornarmos culpáveis por leviandade diante de Deus, e de lançar sobre ti um suplício por demais pesado] RB II 37-38. Pois, tendo sido admitido aqui com muita facilidade e sem ter compreendido bem a importância da vida que desejás abraçar, você venha a abandonar esta vida, ou a cair na tibieza. É preciso, pois, que você conheça a razão de tua renúncia ao mundo presente, a fim de ser assim melhor instruído no que precisarás cumprir.

¹¹² Este admirável òdiscurso de tomada de hábitoö (evidentemente recomposto pelo próprio CASSIANO) é muito célebre. Isolado do resto da obra, ele é frequentemente reproduzido nos manuscritos medievais. O encontramos, por exemplo, duas vezes no manuscrito de Turin, *Bibl. naz.* G-V-7 (séc. IX): a primeira vez (fol. 92v-99v) sob o título: *Incipit exortatio Panu..ii abbatís ad recipiendum eum qui pro foribus habitabat. Nosti, ait...;* e a segunda (fol. 114v-119v): *Incipit institutio sancti ac beatissimi Cassiani ad monachos. Sicut namque...*

¹¹³ Cf. supra, IV, III.

CAPÍTULO XXXIV Ó A RENÚNCIA NADA MAIS É DO QUE O MORRER À SEMELHANÇA DO CRUCIFICADO.

1. A renuncia não é outra coisa que a marca da cruz e da morte para si mesmo. Você deve, então, saber que hoje você está verdadeiramente morto ao mundo presente, às suas obras e a seus desejos, e que, segundo a palavra do apóstolo, você está crucificado para o mundo, como o mundo está para você.

Examine, então, em que implica esta cruz sob o sinal daquela que é preciso viver daqui por diante, pois não é você quem vive, mas quem vive em você é aquele que foi crucificado por você.

É necessário que nós conformemos toda a nossa vida ao modelo que ele nos deu quando foi pregado na cruz, a fim de que, segundo a palavra de Davi mantenhamos subjugada nossa carne pelo temor do Senhor como pelos pregos, nossa vontade e todos os nossos desejos para que não sejam mais sujeitos à nossa concupiscência, mas presos à sua mortificação. É assim que cumprimos o preceito do Senhor: ÕAquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mimö.

Mas caso pergunte, como pode o homem carregar continuamente sua cruz¹¹⁴, ou como um homem pode estar ao mesmo tempo vivo e crucificado? Eu te explicarei brevemente.

CAPÍTULO XXXV Ó A NOSSA CRUZ É O TEMOR DO SENHOR.

1. Nossa cruz é o temor do Senhor. [Da mesma maneira que quem está crucificado não tem mais a possibilidade de mover seus membros, nós também devemos regrar nossa vontade e nossos desejos não mais segundo aquilo que nos é agradável e que somente nos dá prazer, mas, segundo a lei do Senhor, lá onde ela nos mantém presos] **RB IV 59.60; VII 19.24.31**. Aquele que está preso à cruz não considera mais as coisas presentes; não pensa mais em satisfazer suas paixões; nem tem qualquer sonho nem qualquer inquietude para o próximo dia; não mais se sente excitado pelo desejo de possuir qualquer coisa que seja; não se deixa ser dominado pelo orgulho, nem por rivalidades ou disputas, [nem se recente pelas injúrias que lhe são feitas] **RB VII 35**, nem guarda a lembrança daquelas as quais foi submetido; [ainda em vida, ele já se considera morto para todas as coisas deste mundo] **RB IV 20**, e a atenção de seu coração já está voltada para o lugar que sabe, brevemente, irá dirigir-se. Devemos, da mesma forma, pelo temor do Senhor, estar presos à cruz, mortos a todas estas coisas, ou seja, não somente aos vícios da carne, mas mesmo às coisas do mundo, tendo sempre os olhos da alma fixos no lugar para onde deveremos esperar partir a qualquer momento. Desta maneira, nós poderemos mortificar todas as nossas concupiscências e nossas afeições carnis.

¹¹⁴ Cf. *Conferências*, VIII, III, 5: certos monges crêem dever realizar à letra este preceito de carregar a cruz.

CAPÍTULO XXXVI Ó DE NADA SERVIRÁ A RENÚNCIA SE NOS MANTIVERMOS PRESOS ÀS COISAS QUE RENUNCIAMOS.

1. Mas estejamos atentos para jamais nos prendermos a nada daquilo que abandonamos no dia de nossa renúncia e, malgrado a interdição do Senhor, para não retornarmos do campo evangélico ou dos trabalhos para retomar a túnica da qual nos despojamos. Não recaia mais nos desejos e nas afeições baixas e terrestres deste mundo, e não desça nem um centímetro, contra a ordem do Cristo, do teto da perfeição para tomar qualquer coisa que você tenha abdicado quando de sua renúncia.

[Esteja atento para não se lembrar de teus parentes e tão pouco de tuas antigas afeições, de modo que você não se prenda novamente nas preocupações do mundo; você não pode querer colocar a mão no arado, segundo a palavra do Senhor, não olhar atrás, e ainda ser digno do reino dos céus] **RB LIV 1-2.**

2. Esteja atento, quando você começar a ter um conhecimento saboroso dos salmos ou de sua profissão monástica, para não deixar a insensibilidade ressuscitar o orgulho que hoje você esmagou sob o ardor de sua fé e com uma total humildade. Segundo a palavra do apóstolo, se você reconstruir o que havia destruído você se tornará um prevaricador (cf. Gl 2, 18). Permaneça firme até o fim no espírito de despojamento que você demonstrou quando de sua profissão na presença de Deus e de seus anjos. E não se contente em permanecer simplesmente neste espírito de humildade e de paciência que te fez, durante dez dias, rezar com tantas lágrimas diante da porta do mosteiro a fim de ser admitido. Progrida nesta virtude e a faça crescer de pouco em pouco, pois será bem pior se, no lugar de progredir e de tender à perfeição como deve, você retornar atrás, caindo em um estado pior do que no início. Pois não será salvo não quem tiver começado a viver na renúncia, mas quem perseverar até o fim (Mt 24, 13).

CAPÍTULO XXXVII Ó COMO O DIABO SEMPRE DESEJA O NOSSO FIM E COMO DEVEMOS SER VIGILANTES.

1. Pois a serpente pérfida observa sempre nosso calcanhar, ou seja, ela nos arma emboscadas para fazer-nos cair em todos os momentos de nossa vida. [Também não te serviria de nada ter começado bem, nem ter com um grande fervor abraçado a vida de renúncia no princípio, se você não tiver o cuidado de levar até o fim o começado, e se você não guardar o sem relaxamento até a sua morte a humildade e a pobreza do Cristo diante do qual você fez sua profissão] **RB Pr. 4.**

[Para poder realizá-la, observe sempre a cabeça desta serpente, isto é, o princípio dos pensamentos que ela te sugere, e os põe às claras ao teu superior. Pois, você aprenderá a vencer estes maus pensamentos no início se você não se envergonhar de os por às claras inteiramente a teu superior] **RB IV 50; VII 44.** ¹¹⁵

CAPÍTULO XXXVIII Ó O QUE RENUNCIA DEVE PREPARAR-SE PARA AS TENTAÇÕES, E SOBRE OS POUCOS IMITADORES.

1. [Eis porque, segundo a palavra da Escritura, estando engajado ão serviço do Senhor, é preciso permanecer no temor de Deus e preparar a almaõ não para o repouso, não para a tranqüilidade, não para o prazer, mas õpara as tentaçõesö e para as dificuldades, pois, õele nos faz passar por muitas tribulações para entrar no reino dos céusö. Sim, õa porta é estreita e apertado o caminho que conduzem à vida, e são poucos os que o encontramö] **RB Pr.I. 45-49.**

Considere, então, que você agora faz parte deste pequeno grupo de eleitos, e não se deixe esmorecer pelo exemplo de relaxamento do grande número. Ao contrário, compartilhe o caminho da elite, a fim de merecer encontrar-se com ela no Reino. õPois muitos são chamados, mas poucos os escolhidosö e, õo rebanho o qual o Pai há de darö sua herança öé pequenoö. Também não creia que seja falta leve seguir um caminho imperfeito quando se fez uma vez a profissão de perfeição.

Eis aqui os degraus pelos quais se atinge o estado de perfeição:

CAPÍTULO XXXIX Ó O MÉTODO QUE NOS LEVA À PERFEIÇÃO E QUE ESTA CONSISTE EM PASSAR DO TEMOR AO AMOR.

1. [õO inícioö e a garantia de nossa salvação öé o temor do Senhorö] **RB VII, 10**, [pois por ele os que se exercitam no caminho da perfeição adquirem a conversão, a purificação de seus vícios e a prática das virtudes] **RB VII, 12**. Quando este temor penetra o espírito do homem, ele produz o desprezo de todas as coisas, o esquecimento dos parentes e o horror ao mundo. E este desprezo é o despojamento de todos os bens para adquirir a humildade.

2. Eis aqui os sinais daquele no qual se reconhece a humildade: [primeiramente, se mortifica toda a vontade própria] **RB VII, 19-21; V, 7; VII, 31; Pr.I 3**; [em segundo lugar, se nada esconde a seu superior, não somente suas ações, mas também seus pensamentos] **RB IV, 50; VII, 44**; em terceiro lugar, se não se fia em seu próprio discernimento, mas em tudo busca o julgamento de seu superior, desejoso de receber dele seus conselhos; [em quarto lugar, se obedece tudo sem reclamar e se

¹¹⁵ Cf. supra, IV, IX.

pratica constantemente a paciência] **RB V 1.17, VII 34-35**; [em quinto lugar, se passa longe de fazer julgamento do próximo] **RB IV 7**, [e nem se aflige em relação às injúrias que recebe de outros] **RB VII 35**; [em sexto lugar, se não ousa fazer nada além do que recomenda a regra comum ou o exemplo dos anciãos] **RB VII, 55**; em sétimo lugar, se sente-se contente por ter as coisas mais vis e ser considerado um mau trabalhador; [em oitavo lugar, se se declara o último de todos, não somente por palavras e de boca para fora, mas com um sentimento interior do coração] **RB VII 51-52**; [em nono lugar, se controla a língua, se não eleva a voz; em décimo lugar, se não se deixa facilmente levar pelo riso] **RB IV 53-54; VII 59**.

3. [Estas são as marcas e sinais pelos quais reconhecemos a humildade sincera. E, uma vez verdadeiramente possuída, ela te elevará o quanto antes, pelo seu grau superior, à caridade ou ao temor sem igual, e graças a ela você começará a fazer de forma natural e sem pena o que anteriormente observava por medo da punição. Você já não agirá mais pelo medo do castigo, mas por amor do bem e pela alegria encontrada na virtude] **RB VII 67-70**.

CAPÍTULO XL Ó COMO O MONGE NÃO DEVE ESPERAR EXEMPLOS DE PERFEIÇÃO DE MUITOS, SENÃO DE POUCOS.

1. Para aí chegar mais facilmente, você deve permanecer na comunidade e tomar como modelo de vida perfeita não a multidão dos irmãos, mas um pequeno número de monges e talvez mesmo um só ou dois. Pois raros são os homens provados e verdadeiramente purificados, e tira-se bem mais vantagem por ser instruído pelo exemplo de um só destes que observa a perfeição da vida cenobítica.

CAPÍTULO XLI Ó QUAIS AS DEBILIDADES DEVE DESEJAR AQUELE QUE VIVE NO MOSTEIRO.

1. Para poder alcançar este objetivo e permanecer sem cessar nessa regra espiritual, você precisa observar três coisas na comunidade. Como diz o salmo: *“Como se fosse surdo não ouvia, estava como um mudo que não abria a boca. Tornei-me como um homem que não ouve e em cuja boca não se encontra réplica”* (Sl 37, 14-15). Comporte-se como surdo, mudo e cego para tudo além do que, em razão de sua perfeição, você propôs a si mesmo como modelo; seja como um cego e não fique a olhar para o que te pareça menos edificante, para que, seguindo o exemplo dos que assim agem, você acabe por fazer o que havia inicialmente condenado. **2.** Se você ouvir falar de alguém desobediente, rebelde, maldizente, ou que age de forma diferente da qual você foi formado,

não se escandalize. Mas que tal exemplo não te corrompa. Seja como um homem surdo que passa através destas desordens sem nada ouvir. [Se forem feitas injúrias ou ultrajes a você ou a outra pessoa, permaneça inabalável e escute tais injúrias como um mudo, cantando em seu coração este verso do salmo] **RB IV 30; VII 35.56; LXIX 1:** *“Eu disse: observarei meus caminhos a fim de não pecar por minha língua, pus uma guarda em minha boca, quando o pecador se colocou diante de mim, permaneci mudo e me humilhei, e guardei o silêncio para não dizer nem mesmo as coisas boas.”*

3. Mas observe mais do que todo o resto este quarto aviso que será como o coroamento destas três atitudes que acabamos de dizer. Torne-se tolo para este mundo a fim de ser sábio, segundo o mandamento do apóstolo. [Não critique nada, não discuta em relação ao que te ordenarem fazer] **RB VII 49; v 17.** [Manifeste sempre uma obediência plena de simplicidade e de fé. Estime como sendo santo, útil e sábio somente o que a lei de Deus e o discernimento de seu superior assim considerar] **RB VII 44.** Uma vez firme nestas práticas, você poderá manter-se para sempre segundo esta regra e livre da tentação do inimigo, e nenhuma maquinação poderá fazê-lo sair do mosteiro.

CAPÍTULO XLII Ó NÃO SE DEVE ESPERAR A PACIÊNCIA COMO RESULTADO DAS VIRTUDES DOS OUTROS, MAS DA PRÓPRIA LONGANIMIDADE.

1. Você não deve, então, esperar ser paciente com base na virtude dos outros, ou seja, você não a possuirá somente quando alguém não te ofende, pois não depende de você isto acontecer ou não. Mas você deve esperar antes de sua humildade e de sua perseverança, que estão em teu poder.

CAPÍTULO XLIII Ó RESUMO DOS MEIOS PELOS QUAIS O MONGE PODE ELEVAR-SE A PERFEIÇÃO.

1. Enfim, para que tudo o que desenvolvi longamente possa ser gravado melhor em seu coração e possa permanecer em sua memória de forma durável, farei um breve resumo que permitirá a você guardar o conjunto destes preceitos.

Eis aqui, em poucas palavras, por quais graus você poderá alcançar sem nenhuma dificuldade a mais elevada perfeição.

[*“O princípio de nossa salvação e de nossa sabedoria é, segundo a Escritura, o temor do Senhor”*] **RB VII 10.** Do temor do Senhor nasce uma compunção saudável. Da compunção do coração procede a renúncia, ou seja, a nudez e desprezo de todas as riquezas. Esta nudez gera a humildade. Da humildade vem a mortificação da vontade. Esta mortificação arranca e contraria todos os vícios.

A rejeição dos vícios permite às virtudes produzirem seus frutos e crescerem. Esta fecundidade das virtudes gera a pureza do coração, e pela pureza do coração é possuída a perfeição da caridade apostólica.